A Poesia do Natal

Antologia

Poetas evangélicos de ontem e de hoje
escrevem sobre o Natal de Jesus Cristo

Org. Sammis Reachers

A Poesia do Natal
Antologia

Poetas Evangélicos de ontem e de hoje
escrevem sobre o Natal de Jesus Cristo

LIVRO GRATUITO
Não pode ser vendido

Org. Sammis Reachers

Dezembro 2012

Organização e edição: Sammis Reachers
Capa: Sammis Reachers, sobre background
Blue Star de Lianne T. / © CreationSwap / Artists (uso livre)
Blog Poesia Evangélica

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos aos poetas Filemon Francisco Martins e Pérrima de Moraes Cláudio, amigos e colaboradores, sem cuja valiosa contribuição (em versos próprios e de outros autores, além de oportunas informações bibliográficas), esta seleta não seria concretizada.

Para meu querido pai, Mário Pedro, que, mesmo antes de conhecer e entregar-se ao verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo, sempre se esmerou em manter vivo em nosso lar o espírito do Natal.

ÍNDICE

Apresentação 11

Prefácio 13

José Bezerra Duarte (1896 – 1971)
Luz e Vida 15

Jorge Buarque Lira (1903 – 1977)
O Redentor da Humanidade 16

Assis Cabral (1906 – 1987)
O Primeiro Natal 20
Belém 21
Um Lugar para Cristo 22

Gilberto Maia (1907 – ????)
Ante os Astros 23
Natal 25

Bolivar Bandeira (1907 – 1985)
A Mensagem do Natal 26

Stela Câmara Dubois (1908 – 1987)
Belém 27
Presentes de Natal 30
O Natal se Repete 35
Natal 40
O Príncipe da Paz 41
Natal 43

Jonathas Braga (1908 – 1978)
O Natal de Jesus 44
Os Magos do Oriente 46
O Cântico de Zacarias 48
A Estrela de Belém 49
Natal..... 50
A Linda História do Natal 51

Manoel da Silveira Porto Filho (1908 – 1988)
Noite Feliz 54

Alfredo Mignac (???? - ????)
A Estrela de Jesus 56

Isnard Rocha (1908 -)
O Nascimento de Jesus Cristo 60
Os visitantes do oriente 62

Albérico de Souza (1908 – 1988)
Natal 65

Mário Barreto França (1909 – 1983)
Natal Eterno 67
A Canção do Natal 69
Traço de União 71
Natal 76
Noite de Paz 77
A Doce Alegria 79
Noite de Natal 81
Prece de Natal 83

Benjamin Moraes Filho (1911 – 1984)
Meu Natal 84
Natal 85

José Silva (1913 - ????)
Luminoso Natal 87

Lourival Garcia Terra (1916 - 2003)
Estrela de Belém 88

Thiago Rocha (1926 -)
A História do Natal 89
Se Cristo Não Nascera... 90
Emanuel 91
O Lugar do Natal 92
Natal Antigo 93

José Britto Barros (1930 -)
Natal 94
Um Perfeito Natal 99
Relíquias do Natal 103
A Estrela Guia 104
Prece de Natal 105

Gióia Júnior (1931 – 1996)
A Estrela do Menino Pobre 107
Representações do Natal 108
Mensagem do Anjo 110
A Árvore Canta 112
As estrelas 114
Grande Cantata de Natal 115
Cântico da Estrela de Belém 124

Daria Gláucia (1931 -)
O Eterno Natal 126
Súplica de Natal 128
Cancioneiro do Natal 130

Joanyr de Oliveira (1933 – 2009)
Natal Antinatal 136
Oração no Natal 137
Uma vez que é dezembro 139
A estrela 141

Myrtes Mathias (1933 – 1996)
O Grande Presente 143
Se Tu Chegasses Hoje... 145
Um lugar para Deus 149
Confissão de Natal 151
Quando o Verbo se Fez Carne 153
Um Natal de Mundo Inteiro 155
Meu Lindo Presente de Natal 157

Ivan Espíndola de Ávila (1933 – 2006)
Saudades do Natal 159
Súplica de Natal 161

Rosa Jurandir Braz (1935 -)
Noite Sublime, Noite de Mistérios 163

Silvino Netto (1942 -)
Papai Noel Está Esclerosado? 165

Pérrima de Moraes Cláudio (1946 -)
Boas Novas 167

João Tomaz Parreira (1947 -)
No Próximo Natal em Belém 169
O Não Ter Senhor Começado uma Rua 170
Poesia de Natal 171
Poema de Natal 172
De Passagem 173
Construção do Natal 174

Eliúde Marques (1948 -)
Pousada para Jesus 175
Estrelas do Natal 176
A Caminho de Belém 177
Em Belém 179

Gilberto Celeti (1949 -)
Natal – Como Chegar? 181

Filemon Francisco Martins (1950 -)
Nos Arredores de Belém 183

Israel Belo de Azevedo (1952 -)
Confissão de Natal 184
Uma história de Natal, uma criança (inclusive aquela que mora em você) 185
Terá valido a pena este Natal 191
Gosto de Natal 193

Geremias do Couto (1954 -)
Do Tempo e da Luz 194

Edgar Silva Santos (1954 -)
Noite de Natal! 195

Brissos Lino (1954 -)
Neste Natal não tenho sapato 197
Os Pastores 198
O Regresso dos Magos 199

Natanael Santos (1957 -)
Natal 200

Josué Ebenézer (1963 -)
O Natal da Menina Pobre 202
É Natal! 203
Trovas 204

Rui Miguel Duarte (1968 -)
Manjedoura 205
Vieste na Fragilidade 207

George Gonsalves (1971 -)
Noite de Natal, Noite Sem Igual 209

Antonio Costta (1972 -)
Feliz Natal 210

Bibliografia 211

Organizador 213

Apresentação

SERÁ SEMPRE NATAL...

Ao terminar a leitura do belo trabalho de Sammis Reachers sobre o Natal, não pude deixar de relembrar natais passados, que a memória do tempo sempre se encarrega de fazer retornar emoções, sentimentos, ideais e celebrações eternizadas para sempre no coração crente e na derme fremente de quem se emociona fácil com as epifanias natalinas do Salvador.

Sammis é um jovem embebido pela poesia que - como bom historiador e jornalista que vasculha o passado para tornar o presente mais interessante - não se cansa de promover o resgate da poesia evangélica seja ela pátria ou de origem lusa, com o fito de promover entre as gerações mais jovens o Belo que adorna as letras e também o Perfeito que enfeita o espírito.

Com certeza o futuro há de prestar homenagem a este jovem que luta contra a corrente do descaso poético e literário para suprir lacunas que a imprensa tradicional deixa subsistir por conta dos ditames mercadológicos da vida livresca nacional. Foi o que ouvi certa feita de um editor ao falar da necessidade de novas edições de velhos poetas famosos e da publicação de novos poetas emergentes: os jovens não gostam mais de poesia!

É jovem o organizador desta Antologia e ele sabe que os jovens continuam a gostar de poesia, por que seus corações amantes continuam a olhar para a Lua, a tremerem no alvorecer do amor em seus corpos moços, a serem impactados pela Luz de Deus e a sonharem com o Amanhã.

Este trabalho aproxima-nos da realidade do Natal de Cristo, aquece corações fervorosos, faz pensar as mentes inquietas com as realidades sociais indesejadas e faz sorrir lábios que se abrem

em louvor sempre que seus corações agradecem ao Pai a doação do Filho para fazer a trajetória da Manjedoura ao Calvário e assim nos abrir o Portal da Eternidade.

Para quem ama a Deus, se entrega ao Cristo, possui coração amante e vive e festeja o verdadeiro Natal, será sempre Natal. Sammis Reachers nos ajuda a ter sempre perto de nós este Natal que vale a pena, este Natal que alimenta os corações adoradores dos servos de Deus.

Delicie-se com estas linhas e seja inspirado com o que de melhor poetas cristãos têm traduzido acerca do Natal de Cristo.

Josué Ebenézer de Sousa Soares
Poeta, jornalista, pastor batista

Prefácio

Já desde inícios do século XX que o Natal, onde a cristandade comemora o nascimento epifânico de Jesus Cristo, vem perdendo seu caráter sagrado ou religioso para ganhar paulatinamente as cores baratas do consumismo e da secularização, esvaziamento este algumas vezes configurado na personagem 'Papai Noel', e também em toda a ritualística de glutonarias e bebedeira que a cada ano se repete.

Em tal clima de crescente alienação, é com imenso prazer que ofertamos ao leitor esta antologia de poemas natalinos. Os poemas aqui coligidos são um chamado ao louvor e à adoração, e à contemplação do verdadeiro espírito do Natal. E também, em alguns de seus melhores momentos, à reflexão crítica sobre este viés secularista que as comemorações natalinas têm assumido, mesmo entre os ditos cristãos.

Estão aqui presentes os nomes exponenciais de nossa poesia evangélica, nomes tais como Mário Barreto França, Myrtes Mathias, Gióia Júnior, Stela Câmara Dubois, Joanyr de Oliveira e outros, ao lado de excelentes poetas cuja obra tem sido olvidada, caso de um Jorge Buarque Lira, um Benjamin Moraes Filho, um Gilberto Maia, Alfredo Mignac, entre diversos outros.

Esta antologia reúne autores de ontem e de hoje, mas tem maior foco em nossos bardos antigos, dado seu caráter de resgate da rica produção desses irmãos. Muitos dos aqui antologiados foram ou são membros da Academia Evangélica de Letras do Brasil, a AELB, entidade fundada em 1962. Tendo Bolivar Bandeira como seu principal idealizador, a AELB sempre buscou congregar nossos autores de preeminência. Mas, claro, há muitos outros autores aqui que não necessariamente dos quadros da Academia, e congregamos também autores de Portugal.

Esta obra, como de praxe todas as antologias que temos organizado, não objetiva lucro financeiro algum, circulando apenas como *e-book* gratuito, não podendo, portanto, ser comercializada de nenhuma maneira. Pois nosso propósito é o mais nobre, trazer à luz versos que andavam dispersos e submersos em periódicos de difícil acesso e livros raros e fora de catálogo, livros esses que provavelmente jamais serão reimpressos, condenando assim a grande poesia de muitos autores evangélicos ao virtual esquecimento. Não! A rica poesia de inspiração cristã desses bardos merece ser divulgada, ainda mais em tempos nos quais a proliferação dos meios eletrônicos permite uma melhor difusão do conhecimento.

Para a elaboração deste florilégio, além de muitos livros e da colaboração de diversos poetas, foram de grande valia as edições digitalizadas de *O Jornal Batista* (disponíveis em www.batistas.com). Que o feliz exemplo dos batistas inspire outras denominações e órgãos evangélicos a digitalizarem e disponibilizarem o seu rico acervo de periódicos. Todos ganharíamos demais com isso.

Eis então aqui esta nova e necessária antologia, uma homenagem ao nosso Senhor e uma celebração ao seu Natal, um presente aos leitores de todos os credos e religiões, e um merecido tributo aos nossos queridos *poetas de Deus*.

Leia, divulgue e compartilhe!

Sammis Reachers, organizador

José Bezerra Duarte (1896 – 1971)

Luz e Vida

José Bezerra Duarte

Jesus nasceu! Nas maiores alturas,
Anjos dão glória a Deus! E em tom supino
Bradam que o Salvador, sol matutino,
Já trouxe um novo dia às criaturas!

Sim, raiou novo dia! As Escrituras
São, para nós cristãos, farol divino,
Que pode conduzir a bom destino,
Os cegos que vagueiam às escuras.

Perlustrando esse Livro, a alma se eleva!
Deixa o viver do mundo envolto em treva,
Em Deus tem nova vida e Salvação!

Livro cheio de vida e luz também,
Tu podes transformar o Mal em Bem
E encher de nova vida o coração!

Do livro Inspirações do Ocaso (1969)

Jorge Buarque Lira (1903 – 1977)

O Redentor da Humanidade
(trecho)

Jorge Buarque Lira

... ...
E foi em Nazaré, que, pelo Altíssimo,
a casta e santa virgem, Deus Santíssimo
no ventre seu gerou!

Era o Eterno Senhor que vinha à terra
para trazer a paz ao mundo em guerra
por loucuras fatais!
Sempiterno, Sublime Rei da Glória,
cujos fatos gloriosos nunca a História
viveu outros iguais!...

Era o Verbo Divino que lançava
fundamentos da crença que pregava,
do seu Reino de Luz!
Era o Messias, Ele – o prometido,
que por Maria fora concebido –
o Bendito Jesus!
.....

Já quase dois mil anos são passados,
que nas plagas eleitas de Belém
veio ao mundo Jesus!
Era o Sumo Pontífice do Bem,
o Vidente Supremo de Israel –
o Vencedor da Cruz!...

Cumpriram-se os celestes vaticínios,
já por tão longos séculos pregados

pelos santos de Deus!
Homens, em densas trevas mergulhados,
almas perdidas, para os céus clamavam
tristes gemidos seus!...

O mundo antes de Cristo era um Saara...
E, sedentos, famintos, caminhavam
os mórbidos viajores!
E de Deus, dia a dia, se apartavam
entes perversos, almas degradadas,
perdidos pecadores!...

Mas o Pai teve imensa compaixão:
olhou dos céus a terra e, condoído,
nos deu o Salvador!
Foi seu Filho, o Unigênito, o escolhido,
apontado por santos e profetas
como o Libertador!...

Cumpre-se, assim, a divinal vontade:
lá numa estrebaria de Belém
nasce o Filho de Deus!
Como se fosse um animal também,
sendo inferior ao ínfimo dos seres,
mesmo inferior aos seus!...

Jamais o mundo vira um quadro assim:
uma mulher em plena estrebaria,
nas palhas de um curral!
Pois tal destino foi o de Maria,
ao nascer o Messias prometido,
o Vencedor do mal!...

Jamais a terra vira um quadro deste:
negar-se abrigo a um vaso mulheril
quando vai dar à luz!

Talvez a virgem santa, já febril,
tenha pedido, em nome do seu Deus,
lugar para Jesus!

Não há lugar para Jesus no mundo,
porque os homens rejeitam Sua luz
e falta-lhes temor!
E o pecador – misérrimo e iracundo,
na corrupção que ao mal sempre o conduz –
rejeita o Salvador!...

Incrível é, até inconcebível,
abrigo não se achar para Maria
e também para os seus!
Haveria lugar e hospedaria,
se a santíssima virgem não pedisse
um lugar para Deus!

Por este fato, assaz profetizado,
foi que Jesus nasceu na estrebaria,
assim tão desprezado!
Pela mesma razão depois seria,
como o foi, pelo seu ingrato povo,
expulso e rejeitado!...

Ainda outra razão nós encontramos
para tamanha humilhação de Cristo,
o Príncipe da Glória:
pois, em face de tudo já previsto,
foi o mais vivo exemplo de humildade,
sem um rival na História!

Jesus devia ser do mundo o exemplo,
para ser Salvador dos orgulhosos,
dos pobres pecadores!...
Por isso é que os ensinos tão gloriosos

das páginas sublimes do Evangelho
são mais que inspiradores!...
.....

Do livro Quando a Musa Canta!... (1947)

Assis Cabral (1906 – 1987)

O Primeiro Natal

Assis Cabral

Noite calma e feliz! Nos céus da Terra Santa,
Astros, em multidões, rutilam sem cessar;
Os lírios dos vergéis trescalam pelo ar
Fragrância que inebria e perfume que encanta...

E a vetusta Belém, cheia de glória tanta,
Cidade de Davi, silente a repousar...
Na campina o zagal cuida em apascentar
O rebanho indefeso, enquanto folga e canta.

"Glória a Deus nas alturas e no mundo paz
Aos homens," bradam alto os anjos do Senhor,
Entre os clarões da luz divina, celestial.

Pois numa estrebaria, morada de animais,
Nasce o Menino Deus, Jesus, o Redentor,
E surge, em plena História, o primeiro Natal!

In O Jornal Batista #52 – Dez 1958

Belém

Assis Cabral

Casa de pão. O nome é belo e sugestivo,
Lembra o ilustre Davi, cantor, rei, general.
Erguida em meio ao campo verde onde o zagal
Apascenta o rebanho, vigilante e ativo.

Antiga Efrata, ali, outrora, o povo altivo
De Judá recebeu a nova sem igual,
A promessa de um guia seguro, ideal,
Que o conduzisse aos pés do Deus Eterno e Vivo.

A fama de Cartago e o esplendor de Roma
Não excedem, nem mesmo formam qualquer soma,
Que valha a glória imensa da feliz Belém.

A Vila que serviu de berço natalino
Do Deus que se fez carne e se tornou menino
Para trazer à terra o Céu, a Paz, o Bem.

In O Jornal Batista #51 – Dez 1968

Um Lugar para Cristo

Assis Cabral

Andou o dia inteiro o casal peregrino,
Bateu de porta em porta, procurando abrigo
Onde passar a noite, sob um teto amigo,
E onde iria nascer o seu lindo menino.

Correu toda Belém, o burgo pequenino,
A terra de Davi, do rei do tempo antigo.
Ninguém era-lhe hostil e nem seu inimigo.
Mas onde esse lugar pra nascer o menino?

O menino era Cristo, o Deus que se humanou.
Veio salvar o mundo que ele tanto amou,
O Cristo de Belém sem casa onde nascer...

E você tem, amigo, um lugar pra Jesus
Na sua vida? Quer a Salvação, a Luz?
Ele quer um lugar. Por que não o receber?

In O Jornal Batista #51 – Dez 1968

Gilberto Maia (1907 – ????)

Ante os Astros

Gilberto Maia

No silêncio da noite enluarada
E estrelada,
Uma voz doce e meiga enchia os ares,
A convidar as almas aos cismares
Pela estrada.

A lua envolta em manto triste e baço
Um pedaço
Do véu que envolve os pobres "*in extremis*" –
Era um despetalar de rosas cremes,
Pelo espaço.

E esta voz toda feita de doçuras,
De branduras,
Assim dizia nos encantos seus:
"Pastores de Belém dai glória a Deus,
Nas alturas."

Pois hoje vos nasceu o Salvador,
O Senhor,
Que há-de levar o povo de Israel,
Para a terra que mana leite e mel,
Bem e amor."

"Ide a Belém humilde procurá-lo,
Contemplá-lo
No berço pobre de uma estrebaria;
Ide ante a luz dos olhos de Maria
Adorá-lo."

Ouvida, então, a nova angelical,
Celestial,
Rumaram todos eles a Belém,
Afim de contemplar o Sumo Bem
Divinal.

A lua envolta em manto triste e baço
Um pedaço
Do véu que envolve os pobres "*in extremis*" –
Era um despetalar de rosas cremes
Pelo espaço.

Luar mimoso, estrela cintilante,
De diamante,
Luzi no céu e iluminai a estrada,
Que leva os homens a Belém situada
Lá distante.

Do livro O Natal de Cristo – Coletânea (1950)

Natal

Gilberto Maia

Mais um Natal, Senhor, mais um Natal,
Que a cristandade inteira comemora
Dentro dos lares seus, enquanto, fora,
A guerra ameaça no setor do mal.

O teu dia é uma festa universal,
Que põe júbilo na alma de quem chora,
Fazendo-o ouvir a criança, ave canora,
E o velho sino em seu cantar jovial.

Data sem par, incomparável dia,
Que somente ilumina o coração,
Do que ama o bem e odeia a vilania!

Concede-nos, Senhor, o teu perdão,
Para que compreendamos a poesia
Que flui do teu Natal em profusão.

In O Jornal Batista #52 – Dez 1952

Bolivar Bandeira (1907 – 1985)

A Mensagem do Natal

Bolivar Bandeira

Madrugada, Belém adormecida
É toda envolta em luz resplandecente!
E os anjos do bem alegremente,
Cantam hinos de amor à terra, à vida.

Na campina, os pastores já na lida
Do rebanho, acordados, põem a mente
No céu todo estrelado. De repente,
Pelos anjos a nova é transmitida:

"Glória a Deus nas maiores alturas!
Jesus nasceu! Está na manjedoura!
Adorai-o! Servi-o com ternura!"

Mensagem duçorosa e salvadora,
Que aos pastores encheste de venturas,
És para nós feliz, consoladora!

Do livro O Natal de Cristo – Coletânea (1950)

Stela Câmara Dubois (1908 – 1987)

Belém

Stela Câmara Dubois

Soa e ressoa,
Por toda a parte,
A música do bem!
Há carrilhões no espaço:
Belém... Belém... Belém...
.....
Seres humanos que pensais na altura
E afirmais, retilínea, a conjetura
Dos mundos habitados
Por vultos sublimados,
Olhai, olhai Belém!

Nivelastes profano e santidade
E esquecestes a glória da humildade
DAquele que nasceu,
Pobrezinho e plebeu,
Nas palhas de Belém!

Há fonte a vossos pés e estais sedentos,
Porque correram os vossos pensamentos
A indômita carreira
Do vento e da poeira
Que esconderam Belém!

Um rei desceu!... Proscrito Ele se fez!...
A nobre História é para vós, talvez,
Um dito sem valor...
No entanto, foi o Amor
Que nasceu em Belém!

Agigantam-se as coisas pequeninas...
O inseto e a flor rebrilham nas campinas
E um Deus se faz criança,
- O brilho da Esperança
Na choça de Belém! –

Há voz de poderio no vagido!
Confundem o forte, o fraco e o esquecido
E o coração é um trono
Cujo Senhor e Dono
Fez pousada em Belém!

Quereis subir, homens do pó? Descei!
Vinde a Belém, pois em lugar da Lei,
Veio reinar a Graça!
Inclinai as cabeças ao perdão!
Na areia fulge o Sol da Redenção
Que nunca, nunca passa!

Quem sobe escada, lá no chão começa!
Sobre os joelhos caminha mais depressa,
Quem a Deus quer chegar!
Descansai, corações, naquela Cena!
A Aurora, cheia de anjos, tão serena,
Quis no mundo raiar!

Assentai os ouvidos! Oh, se ouvísseis
Que um Rei desceu para que vós subísseis
Humanidade, ouvi!
Vinde a Belém! Descei e descei mais!
E ali, junto de humildes animais,
Dizei: - Eu creio em Ti! –

Conquistastes, vencestes, mas na hora
Em que a morte, sem Deus, vos apavora,
O céu vós procurais,

Mas nunca o esqueçais:
O caminho é Belém!
.....
Soa e ressoa,
Por toda a parte,
A música do bem!
Há carrilhões no espaço:
Belém... Belém... Belém!

In O Jornal Batista #51 – Dez 1957

Presentes de Natal

Stela Câmara Dubois

Naquela véspera de Natal,
a pobre mãe não tinha
o mais simples e humilde presente
para a sua filhinha...
Andavam mal as finanças
e o esposo,
que era do norte,
metera-se, corajoso,
nessa cadeia-ambulante
que o vulgacho apelidou
de "pau-de-arara",
para enfrentar a morte!...
E agora é mais outra véspera de Natal...
O Dia universal,
o maior dos dias,
pois foi quando o divino Ser
se uniu ao ser humano,
ligando o céu à terra,
fazendo o céu tão perto
que até mesmo o deserto
de flores se cobriu...
E a noite da incerteza
cedera o seu lugar
à mais linda alvorada
que se abriu!...
No meio de toda essa fartura,
tanto fulgor e encanto,
que a natureza não se penalizava
de esbanjar,
a pobre mãe não tinha
um presentinho, sequer, para a sua filhinha...
- Mamãe, Papai Noel vai trazer

uma boneca francesa para Maria, a nossa vizinha,
uma que sabe falar e cantar
e ela está doidinha de alegria!... –
Uma lágrima quis rolar
pelas faces da mãe
e ela a deteve, brusca e repentinamente,
com o pulso forte do heroísmo,
que se tornara um instrumento
capaz de ser manejado e manobrado
pelas suas mãos,
como o sabiam fazer os peritos da esgrima!
E pigarreou,
enrubesceu,
olhou a nuvem veloz que se escondeu...
Então amaciando,
aveludando a voz,
como seria a voz da rosa,
se aquela rosa rubra então falasse, respondeu:
- E tu, minha filhinha,
o que queres receber? –
A menina arregalou os olhos de prazer!...
O sorriso da mamãe
era a sua riqueza.
E aquela cabecinha
coroada de cabelos sedosos
em fartos caracóis,
por onde brincaram
os raios de sol e as brisas doces
de um lustro e meio,
soube dizer:
- Você me pergunta o que eu quero?
Eu quero que Papai do Céu
nunca leve a mãezinha
como levou papai... –

- No Dia de Natal,

quando as crianças felizes
recebem sacos cheios de presente,
queres isso somente,
minha filha? –
- Somente isso, mãezinha.
Você, perto de mim,
contente, contente assim,
sorrindo,
contando histórias...
Quando eu me lembro de Maria,
sem ter mãe...
Coitada...
Parece tudo ter e não tem nada...
Não é, mãezinha? –
As lágrimas daquela mãe
não correriam nunca, nunca mais!
Um anjo viera estancá-las
usando um arrendado lenço de palavras,
e essas rendas diziam: - Quero você, mamãe! –
Ela, mulher pobre e tão fraca,
para a sua filhinha
era o melhor presente!...
E toda a noite
enluarada e bela,
a mãe ouviu e viu e pressentiu,
o magno esplendor
daquele imenso amor
que lhe enchia a alma
de música,
divina música de natal:
- Você... mamãe... é o meu melhor presente... –
- Meu Deus, Tu és o Amor!
Por isto, no Teu Dia,
espalhas a alegria
de mil formas,
mil facetas,

mil belezas diferentes!
Seria este Natal
como os outros,
uns farrapos de seda,
jogados, entulhados na minha vida...
Sem esposo, sem dinheiro,
sem amigos, sem presentes...
E no entanto,
sinto-me presa de contentamento,
desse contentamento que emudece e pasma...
Sou, eu mesma,
o melhor presente para a minha filha!
Ela nada quer,
senão a mim, somente...
Meu Deus,
faze-me boa,
faze-me forte,
faze-me, com o Teu milagre,
o milagre de me transformares
num dos Teus anjos de Felicidade!...
Na quase-manhã daquelas horas silenciosas,
ainda o luar invadindo
todo o quarto,
a mãe ouviu bater à porta...
- É o vento... – pensou...
Novamente,
e depois, mais insistente,
e a mãe se levantou...
Oh!...
Recuou... espavorida... emocionada...
Era o esposo, tido como morto,
que voltava,
depois de quatro anos
de trabalhos forçados,
perambulando
pelos núcleos

de agricultura
dos estados do sul...
Não escrevera nunca...
Para dizer o quê?...
Uma fila de insucessos,
de derrotas, de desencantos?...
Continuara a lutar
até que um dia alcançara
a estabilidade,
e viera então buscar
a pequena família,
fazendo-lhe uma surpresa
no Dia de Natal!
Aquela estrelinha,
que lá está tremeluzindo
na amplidão,
parecendo um pedacinho de Luz,
só ela poderia
cantar toda a poesia
deslumbradora, encantadora,
daquele momento!
Quando o Dia de Natal
rompeu o casulo da alvorada,
e saiu pelo espaço
anunciando aos infinitos
a "Glória nas Alturas",
pai, mãe e filha,
unidos na oração,
apertava, cada qual, o seu presente,
mais forte,
mais fortemente,
de encontro,
de encontro ao coração!

In O Jornal Batista #51 – Dez 1955

O Natal se Repete

Stela Câmara Dubois

- I -
De casa fora expulso,
pois o Evangelho o tornara diferente,
ousado e corajoso.
Agora se dizia um crente
e o pai, furioso,
não quisera vê-lo, nunca mais,
sob o teto onde nascera...

Sadu partira...
Eram trevas no céu todo apagado...
Pressentira que fora envenenado,
porém de estrelas tinha cheia a vida
e fora salvo milagrosamente.

Os anos se passaram...
Um dia, pai e filho se encontraram.
E então abraçados,
caminhando juntos a Belém,
o pai irrompeu, por entre soluços:
- Filho, meu filho, eu sou cristão também! –

_____

Há paz na terra! Glória nas alturas!
Pelas planuras, quanta floração!
Jesus nasce em milagres, em poder!
Ei-lO a viver no humano coração!

Vem consolar, ó dúlcida ESPERANÇA,
Linda CRIANÇA que nasceste um DIA!
O coração do mundo se espedaça...
Dá-lhe de graça a tua MELODIA!

E o Natal se repete...

- II -
Ele ia matar seu inimigo...
Tinha o mosquete à mão,
engatilhado...
- Mas... Deus meu!...
O inimigo a cantar tão animado,
o hino de minha mãe, -
refletia o malfeitor.
- Se ela vivera mais,
teria o seu amor
transformado, de pronto, a minha vida... –
O homem concluíra o cântico inspirado.
- É agora. Não me há de escapar!... –
Mas o seu braço cai,
aniquilado,
mal podendo falar:
- O Deus que assim pôde salvá-lo,
deve ser infinitamente poderoso!

Passa um ano após outro... persistentemente...
Um dia,
era o Natal.
Apoiando-se à chaminé do barco,
o homem cantava, - pois era afamado cantor, -
aquele mesmo hino,
o "Hino do Pastor".
A música enternecia os corações.

Lá no convés estava o inimigo.
Aproxima-se.
Ira Sankey escuta-lhe a história comovente.
E a estrela do oriente
brilha outra vez no céu,

porque os dois homens, abraçados,
vão juntos ao presépio,
pela mesma paz,
vão irmanados.
Tudo renasce na ampulheta extinta...
Há nova tinta no horizonte além...
A "Paz-na-terra-aos-homens", avançando,
Vai renovando as bênçãos de Belém!

Dentro do caos, repontas como um lírio!
Não foi martírio o Teu sofrer, Senhor.
O teu berço de palha foi a AURORA
Que voz canora propagou-a: AMOR!

E o Natal se repete...

- III -
É o apelo final de Billy Graham.
Transborda o recinto
do vasto Maracanã.
Era a tarde derradeira
da Aliança Mundial.
Uma alma de Deus
abre as janelas dos seus olhos
e contempla, a medo,
pela televisão de sua casa,
as cenas nunca vistas, nem sonhadas.
- Eu não sabia
que era tão lindo assim... – ela dizia.
- Cristo, o Filho de Deus, é o meu Caminho.
É o meu Salvador e não há outro! –

O pregador pedia:
- Acenai vossos lenços! –
Era um mar de asas brancas,
que anunciavam paz...

Atingida
pelo Espírito Santo
estava aquela vida.
A moça, agora isenta
de todo o seu pavor,
agita o pequenino lenço,
que ainda há pouco lágrimas retinha.
Ninguém a via ali... sozinha...
Mas o Senhor lhe dera a forte mão
e ela fora também com a multidão
à gruta de Belém.

Levanta-se, renovada!
Raiava a madrugada,
com os anjos cantando
"glórias nas alturas!"

A notícia correu
como um som de trombeta,
alvissareiro.
E cada qual ia falar primeiro:

- Mais outra decisão!
- De quem?
- Da jovem que assistia ao culto
pela televisão... -

_____

Oh! Vem, Natal, mil vezes repetido!
Lato sentido o VERBO te quis dar.
Amplia os passos, santifica as mentes,
Joga sementes, fá-las germinar.

Vem hoje, e enche a terra, qual o orvalho!

Dá o agasalho e o pão, restaura a fé!
Natal, Natal, ó sacrossanto DIA,
Tua HARMONIA nos sustente em pé!
E O NATAL SE REPETE...

In O Jornal Batista #51 – Dez 1961

Natal

Stela Câmara Dubois

- Já não há mais lugar! – e o casal prosseguia,
De porta em porta assim, de agasalho à procura,
E desprezado fora em meio da lonjura,
Da noite, pois fortuna e luxo não trazia.

Completa é a lotação nas almas hoje em dia,
O prazer se amontoa, e vícios e urdidura...
Quando Cristo um lugar lhes pede com doçura,
Apontam com escarninho a rude estrebaria.

- Já não há mais lugar! – E entanto, Jesus
Com paciência caminha, espadanhando luz;
Ó dá-me, filho meu, ó dá-me o coração!

Na amplitude sidérea o celeste cortejo,
Como em Belém, outrora, exulta, benfazejo,
Quando uma alma perdida aceita a salvação!

Do livro O Natal de Cristo – Coletânea (1950)

O Príncipe da Paz

Stela Câmara Dubois

Maravilhas de Deus, por toda a terra,
Do vasto chão aos altos estendais!
No espaço imenso em que o olhar se perde,
Maravilhas de Deus, como cantais!

Pelos jardins dos céus, as nebulosas,
Essas flores de luz, refulgirão!
Mas, dentre todas, uma só, eterna,
- É de Jesus a Grande Salvação!

Na linguagem sublime das estrelas,
Ouviu-se um dia um suspirado canto;
Era o Presépio, - a glória na humildade, -
Que na terra causara vivo espanto...

Jesus, o Prometido, há longas eras,
Enfatizado pelas profecias,
Baixara, enfim, ao mundo, incompreendido,
Mas, verdadeiramente, o seu Messias.

Ei-lO a fazer prodígios incontáveis,
Ei-lO a salvar, curar e proteger!
Até na cruz de vergonhosa afronta,
Jesus patenteara o Seu poder.

Da Tumba fria, levantou-se, incólume,
Fazendo toda a guarda espavorir...
Sobre a cabeça a estrela da vitória,
E no regaço as glórias do porvir!

Sofreu, penou, mas vive eternamente!
E assim, com Ele, os redimidos Seus,

Hão-de também sofrer, também vencer,
Pela força invencível desse Deus!

Quando subiu aos céus, Jesus glorioso,
Doiravam a estrada as tintas do poente...
A natureza era um poema enorme,
O relicário d'alma pura e crente.

Ei-lO que vai, numa espiral de luz.
Envolto em nuvens, a subir, subir...
A turba toda a olhar, então, se queda,
Sentindo já, da ausência, a dor pungir.

Este Jesus há-de voltar um dia, -
Falam os dois varões, - há-de voltar! –
E que sublime quadro de esperança,
Quando o universo inteiro governar!

O mundo se esboroa em guerras, lutas,
Num morticínio atroz e contumaz.
Oh vem, depressa, e firma o excelso trono,
Oh desejado Príncipe da Paz!

Então a terra gozará descanso,
Na brancura ideal dos corações!
Qual sol radiante, o cetro estenderás,
Abençoando todas as nações.

És o Poder, o Alento, a Fonte Viva!
És a Verdade que nos satisfaz!
Faze das nossas almas o teu trono,
E reina! E reina, ó Príncipe da Paz!

Natal

Stela Câmara Dubois

A manjedoura, a estrela, alguns pastores,
O coro de anjos, rubra madrugada,
Era a glória há milênios desejada
Que faria um deserto abrir-se em flores.

De celestiais alentos e favores,
Rejubilam-se as almas na jornada.
E a certeza não pode ser negada
De que são fortaleza os dissabores.

Nada faz perecer tanta alegria!
Mesmo entre névoas sua primazia
Traz o vigor de dúlcida lembrança.

É que os céus estão perto, muito mais,
Pois o Natal acorda outros natais
De paz, de fé, de amor e de esperança!

In O Jornal Batista #52 – Dez 1959

Jonathas Braga (1908 – 1978)

O Natal de Jesus

Jonathas Braga

Tudo isso aconteceu para que se cumprisse
o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta. Mt 1.22

Quando o sol irrompeu nos cimos azulados
e deu vida e calor às árvores e aos prados,
e os pássaros, trinando, a alvorada anunciaram
e a luz triunfal do dia entre ovações saudaram,
dir-se-ia a natureza em festa esplendorosa
no radiante fulgor da manhã cor-de-rosa.

Quem fosse até Belém naquele instante, certo,
deixando atrás de si a poeira do deserto,
havia de sentir um gozo estranho e ingente,
uma alegria nova, imensa, surpreendente,
porque, na expectação do mundo estarrecido,
nascera, finalmente, o Cristo prometido.

Os homens a buscá-lO o seu nome exaltavam
e, cheios de ventura, uns aos outros falavam,
enquanto pelos céus divina melodia
de cantos imortais os páramos enchia.

Mas, eterno desígnio, a pequenina criança,
que era do mundo inteiro a mais bela esperança,
nascera, humildemente, em pobre estrebaria,
porque nenhum lugar na estalagem havia
e agora, ao maternal regaço reclinada,
mostrava à luz do dia a face mui rosada.

A doce mãe, feliz na sua fé ardente,

olhava para o filho enternecidamente,
não sonhando sequer o drama extraordinário
de que seria palco o monte do Calvário!...

Mas havia de ser assim...
Estava escrito
nas páginas de luz do Livro do infinito
e um dia, sobre o lenho infame do madeiro
Ele seria exposto assim, como o Cordeiro,
para que se cumprisse a divinal vontade
e fosse redimida e salva a humanidade.

E por isso as canções que os pássaros entoavam
e os lampejos do sol que os campos redouravam
festejavam, também, nessa alvorada loura,
o Salvador nascido em pobre manjedoura!

Do livro O Caminho da Cruz (1962)

Os Magos do Oriente

Jonathas Braga

E tendo nascido Jesus em Belém da Judéia, no tempo do Rei Herodes, eis que uns magos vieram do Oriente a Jerusalém.
Mt 2.1

Desciam pela estrada erma e sombria
três homens, pelo aspecto, bons e nobres.

No céu distante, muito, muito além,
um astro novo e estranho refulgia,
banhando em luz argêntea as casas pobres
da pequenina vila de Belém.

Quando esse astro brilhou no céu do Oriente,
eles deixaram tudo alegremente
e ao longo das estradas solitárias
caminharam, em busca de Jesus,
vendo noites de luar enternecido
e risonhas manhãs cheias de luz.

E enquanto de Belém se aproximavam,
humildemente, os magos conversavam.

O primeiro dizia, com ternura:
- Meu coração encheu-se de ventura
quando um pouco de mirra eu lhe trazia.
É uma oferenda simples, pois enfim
se mais possuísse, mais eu lhe traria
com o maior dos júbilos pra mim!

Ponderava o segundo, confortado:
- A minha oferta é todo o meu tesouro.
Dar-lhe-ei este precioso colar de ouro,

de todos o melhor que eu hei guardado.
Eu lhe traria mais, se mais tivesse,
porque bem sei o quanto Ele merece!

O terceiro, afinal, estas palavras,
humilde, proferia:
-Enche-me o coração um gozo imenso,
um gozo imenso e estranho para mim,
porque lhe trago de presente, incenso.
Se houvesse uma outra dádiva trazido,
será que bem melhor teria sido?

Eles tinham razão, mas não sabiam
que dádivas preciosas conduziam:
- A mirra que o primeiro carregava
era o presente do Homem singular
que a dor dos outros homens suportava
a fim de os consolar.

O ouro brilhante do outro pertencia
ao Grande Rei da terra, céu e mar,
Senhor dos mundos do universo inteiro,
que o seu poder um dia fez criar...

Mas do terceiro
o incenso perfumado traduzia
o símbolo melhor dos dias seus,
porque era, na verdade, um grande símbolo,
- o símbolo de Deus!

Do livro O Caminho da Cruz (1962)

O cântico de Zacarias

Jonathas Braga

Bendito seja o Deus onipotente,
porque amparou seu povo em sua mão,
e sob o teto do seu servo crente
fez renascer a sua salvação.

Como por seus profetas tem falado
desde que fez o mundo com amor,
livrar-nos-ia do mortal pecado
e das ignóbeis mãos do enganador,

para manifestar sua bondade
e do seu pacto eterno se lembrar,
e conceder a toda a humanidade
a bênção de o servir e de o adorar.

Seja-lhe o nosso tempo dedicado
em santidade e amor, justiça e luz,
e tu serás então, filho, chamado
profeta e irás adiante de Jesus.

Prepararás caminhos apertados
e por veredas rudes passarás,
clamando ao povo contra seus pecados
e a salvação de Deus anunciarás.

E alumiarás os que andam assentados
nas trevas onde a morte dá pavor,
porque serás, nos ermos desolados,
profeta entre os profetas do Senhor.

Do livro A Maravilhosa Luz (1985)

A Estrela de Belém

Jonathas Braga

Na toalha divinal do céu da Palestina
fulgura um novo sol de brilho aurifulgente
que enche a noite de luz maravilhosa e fina,
e segue de Belém o rumo, suavemente.

Toda a terra desperta e logo se ilumina
e se enche de alegria estuante e transcendente.
Os anjos, na amplidão da celeste cortina,
estrugem num clangor mirífico e fremente!

E a estrela prodigiosa a todos deslumbrando,
prossegue lentamente o recanto buscando
onde a humildade é um poema enfeitado de luz

e onde, entre palhas vis, cumprindo a profecia,
sob a luz maternal dos olhos de Maria,
repousa docemente o divino Jesus!

in O Jornal Batista #53 – Dez 1948

Natal

Jonathas Braga

Quando, no estojo azul do céu vasto e silente,
aquele astro fulgiu maravilhosamente,
Efrata despertou do seu sono profundo
e as pálpebras abriu para o resto do mundo!
Então, no seu regaço humilde e pequenino,
a se balsamizar do aroma campesino,
todos os reis da terra o Prometido viram
e a luz do estranho sol, atônitos, seguiram.
Os anjos, na amplidão cerúlea, salmodiavam
e muitos corações aflitos exultavam...
E quem fosse a Belém-Efrata nesse dia,
na manjedoura o Rei dos reis encontraria,
cercado de pobreza e cheio de humildade...
Ele não conheceu o luxo da vaidade
e não teve um palácio e nem rendas custosas,
nem berço a fulgurar de gêmulas preciosas,
porém a manjedoura, onde o feno jazia,
foi o próprio lugar onde nascer devia!
Assim quisera Deus que o Redentor nascesse
e desde então o seu exemplo aos homens desse,
a fim de que na terra a pobre humanidade
buscasse o Salvador nascido na humildade!
E quando, na amplidão do céu vasto e silente,
aquele astro brilhou esplendorosamente,
Efrata ressurgiu do seu langor profundo,
trazendo para nós o Salvador do mundo.

Do livro Florilégio Cristão (1982)

A Linda História do Natal

Jonathas Braga

Contam-nos as Sagradas Escrituras
desde os tempos das velhas profecias,
que, para redimir as criaturas,
havia de nascer dentre os judeus
Um que traria o nome de Messias
e Filho diletíssimo de Deus.

Os séculos passavam-se... Os poetas
em versos dedilharam seus cantares...
Nasceram soberanos e profetas
e muitos tronos ruíram com fragor,
mas inda estava em páginas secretas
a história do divino Salvador.

O povo, cheio de ódios e maldade,
continuava a pecar todos os dias
e, esquecida de Deus, a humanidade
não pensava na vinda de Jesus,
preferindo viver na escuridade
a caminhar ao brilho de uma luz.

Um dia, a paz que todo o encanto encerra,
começava a pairar por sobre o mundo.
Reinava Augusto em Roma e pela terra
em toda parte se dizia: - Há paz!
Não se ouvia nenhum rumor de guerra
nem se falava em lutas desiguais.

Um censo em seus domínios decretara
o poderoso imperador romano
e às sedes das comarcas arrastara
pobres e ricos, nobres e plebeus,

eunucos, cortesãos, a turba ignara,
príncipes, mercadores, fariseus...

E, para se cumprir a profecia,
través de contratempos e fadigas,
uma virgem que em Nazaré vivia
piedosamente a praticar o bem,
com o esposo, solícita, subia
entre outros forasteiros, a Belém.

Quando chegaram dessa travessia
ao termo desejado ardentemente,
na manjedoura de uma estrebaria
foram, depois, exaustos, se abrigar
porque para hospedá-los não havia
nas casas de Belém outro lugar.

E enquanto a multidão se aglomerava
para cumprir as ordens recebidas,
no céu azul distante rebrilhava
uma estrela de rara e estranha luz,
pois, entre as palhas onde a serva estava,
nascera enfim o Salvador Jesus.

Hosanas nas alturas! Paz e gozo
na terra para os homens! Glória excelsa!
Nos céus vibrava um coro sonoroso
de anjos enchendo o espaço de canções,
e o povo todo afluía, pressuroso,
a ver o Desejado das nações!

E lá estava, humilde, o Prometido,
Aquele que era o Salvador do mundo,
Aquele cujo olhar enternecido
brilhava com divino resplendor,
e que viera buscar o homem perdido

e salvar para sempre o pecador.

in O Jornal Batista #52 – Dez 1951

Manoel da Silveira Porto Filho (1908 – 1988)

Noite Feliz

Manoel da Silveira Porto Filho

1
Ó noite amiga e boa, em que os anjos, cantando,
desceram, no esplendor da luz celestial,
para os pobres zagais despertar proclamando
a mensagem feliz do primeiro Natal!

2
Bendita pelo tempo e pela eternidade!
Lembrada com amor por séculos sem fim!
Ao pobre, em sua choça, e aos ricos, na cidade,
nenhuma como tu, pode alegrar assim!

3
Tu és toda esperança, o anseio sem medida
do coração que aspira a ter descanso e paz.
E àqueles que se vão sozinhos pela vida,
ó noite de Natal, quanto consolo dás!

4
Noite cheia de encanto e de afetos divinos
que, no reflorescer do tronco de Jessé,
vens aos grandes do mundo e aos pobres pequeninos
ligar no mesmo amor, unir na mesma fé!

5
Tua estrela que encheu de luz os descampados
e aos magos conduziu na peregrinação,
venha ainda guiar aos homens perturbados
por tanta iniquidade e tanta inquietação.

6

Noite amada e feliz, ditosa e singular!
Possa Deus, em teu seio, inundando-o de luz,
a muitos corações abrir de par em par
para neles nascer hoje, outra vez Jesus!

in Revista Raio de Luz (Jan/Mar 1983)

Alfredo Mignac (???? - ????)

A Estrela de Jesus

Alfredo Mignac

- Logo que a noite venha e envolva a terra e o espaço,
enegrecendo tudo onde alcance o seu braço
de trevas; e o poema azul for marchetado
de estrelas aos milhões - como num vasto prado
as flores de verão mil pétalas abrindo; -
devemos, sem temor, já cantando e sorrindo,
partir, seguindo a Estrela, aquela que nós vimos
andando pelo céu, quase roçando os cimos
dos montes! Vamos, sim, segui-la de bem perto,
para as bandas do mar, na areia do deserto,
ou da terra aos confins, - seja para onde for!

Após falar assim, o astrólogo Belchior
deixou-se escorregar sobre os cochins de pena
da casa e Gaspar. Distante, um uivar de hiena
e um grito de avestruz...
Gaspar, a voz alçando:
- Quando o sol se esconder e a noite vier; e quando
a Estrela iluminar o pátio e as tamareiras,
meus criados virão trazendo as derradeiras
bagagens. E trarão dromedários bastantes
para nos conduzir às plagas mais distantes.
A nossa caravana espantará os reis!
Eles tem o poder; mas, a Ciência – nós três!

Volvendo o olhar brilhante em torno do salão,
Balthazar, o mais velho, ergue-se e diz então:
- Amigos, pouco importa o poder dos impérios,
se estamos a cuidar dos sublimes Mistérios
que Deus nos revelou por meio da Ciência.

Ai de quem, pela força ou pela prepotência
queira nos entravar o passo, na Jornada!
A Sagrada Escritura então seria nada...
Ela, que nos promete a Vinda do Messias,
e que o Maná nos é para todos os dias
de nossa vida e nossa crença na Esperança!
Cumpramos a Missão. Tenhamos confiança
na Profecia e na Promessa do Senhor,
que era, que é, e será eternamente Amor!
Levemos Ouro, Incenso e Mirra trescalante
para o Rei, para o Deus, para Jesus-Infante,
que o seu Trono deixou, vazio, lá nos céus,
para nos vir salvar, - a nós que somos réus!
Saiamos, pois, daqui. A Estrela já fulgura,
da abóbada azulada andando na espessura!

Pela imensa amplidão do deserto de pó,
a caravana vai traçando um trilho só...
Uma sombra parece a refletir no espelho
da fina areia, - escrava, acostumada ao relho
dos ventos orientais...
Adiante, majestosa,
esplendente de luz, - como uma enorme rosa
no canteiro do céu plantada, a vicejar,
- entre beijos de sol e de brisas do mar -
a Estrela de Jesus demanda a Palestina,
espadanando luz, serena, alabastrina!

A sua caravana é mais rica e mais nobre,
porque não é da terra. O pálio real que a cobre
é feito de ouro e azul que tais outros não há...
Teceu-o, no seu Tear, um dia, o Deus Jeová,
para cobrir o pobre e deslumbrar à vista
do mais profundo sábio e mais sublime artista!

Quando a Estrela parou, os Magos apearam.

Belém... uma choupana ali... logo a encontraram
toda cheia de luz, - uma enorme pletora
mais suave que o clarão forte e argênteo da Aurora!
Sobre um leito de palha, um Menino robusto;
- o Cristo, o Emanuel, o Onipotente, o Justo!
Ao lado, a doce mãe, sorridente de gozo;
olhava, ajoelhado a adorar, seu esposo.
Bem perto, uns animais no estábulo, comendo,
tudo presenciando e nada compreendendo.

Os pastores, no campo, ouviram lindos cantos
de anjos e querubins envoltos nos seus mantos
tão alvos quanto a neve.
Em festa, a Glória Eterna
vibrava de prazer, de alegria superna!
O Salvador nascera! A Lei e a Profecia
cumpriam-se fielmente. E aquela estrebaria
que a um trono foi maior, e foi maior que um berço
de rendas e de seda onde nasce um perverso,
onde se embala um Nero, onde se cria um vil!

Lá fora, refulgente, engastada no anil
do Infinito profundo, a Estrela de Jesus
tomava, pouco a pouco, a forma de uma cruz,
- como para anunciar o amor imensurável
do Pai, que o Filho deu para o mundo execrável
remir sobre o madeiro ignominioso e horrendo!

Em breve, a caravana, as montanhas descendo,
- qual Moisés do Sinai, depois que a Deus falara –
voltava, lenta e lenta, à terra de deixara.

Pela imensa amplidão do deserto de pó,
a caravana vem traçando um trilho só...

E a Estrela de Jesus, suspensa no Infinito,

a Saudade nos traz desse Instante Bendito!

Do livro Horas Vibrantes (1939)

Isnard Rocha (1908 -)

O Nascimento de Jesus Cristo - Mateus 1.18-25

Isnard Rocha

18 O nascimento de Cristo
Jesus, então, foi assim:
Sua mãe, Maria, estando
já desposada, enfim,

com seu marido José,
sem coabitar no entanto,
achou-se grávida, pois,
sim, pelo Espírito Santo.

19 José, porém, seu esposo,
não a querendo infamar,
- pois era justo – propôs
secretamente a deixar.

20 Enquanto, assim, ponderava
em tudo o que aconteceu,
num sonho, um anjo de Deus,
a ele apareceu,

dizendo estas palavras:
José, que vens de Davi,
não temas, pois, receber
Maria, esposa pra ti,

porquanto o que, em Maria,
gerado foi, entretanto,
é obra, sim, tão-somente,
de Deus o Espírito Santo.

21 Um filho, sim, um menino,
dará Maria à luz,
e tu porás na criança
o nome bom de Jesus,

porque Jesus, Salvador,
virá seu povo salvar,
e dos pecados lá deles
virá também os livrar.

22 Tudo isto, aconteceu
a fim de que se cumprisse
o que foi dito por Deus
e seu profeta predisse:

23 "Conceberá, pois, a virgem
e um filho à luz, sim, dará;
por nome de Emanuel
chamado ele será;

(tal nome tem um sentido
e ele assim quer dizer:
Conosco Deus estará
conosco em nosso viver)."

24 José do sono acordou,
ao anjo, então, atendeu,
e, como ordem de Deus,
a esposa assim recebeu.

25 Porém, não a conheceu
enquanto não deu à luz
um filho, a quem pôs o nome,
o nome bom de Jesus.

Do livro A Bíblia em Versos – Os Evangelhos de Mateus e Marcos (1995)

Os visitantes do oriente – Mateus 2.1-12

Isnard Rocha

Jesus havendo nascido
na pequenina Belém
- cidade lá da Judéia,
bem junto à Jerusalém -,

em dias do rei Herodes,
que era bem prepotente,
eis que vieram uns magos,
chegando lá do Oriente.

2 E perguntavam, curiosos
ao povo e aos fariseus:
Onde é encontrado o menino,
nascido Rei dos Judeus?

Porque nós vimos sua estrela,
estando lá no Oriente,
e viemos para adorá-lo,
e dar-lhe o nosso presente.

3 Mas tendo ouvido isso,
o rei Herodes, também,
muito alarmou-se e, com ele,
sim, toda a Jerusalém;

4 o rei, então, convocando
a todos os principais
escribas e sacerdotes,
bem indagava dos tais.

5 É em Belém da Judéia,
respondem eles, porque

no escrito lá do profeta
Miquéias assim se lê:

6 "E tu Belém, a Efrata,
da terra, sim, de Judá,
de modo algum és menor
por entre as muitas que há;

porque de ti, certamente,
o Guia então, sairá,
o Guia bom de Israel,
que ao povo apascentará"

7 Herodes manda chamar
os magos, secretamente;
pergunta-lhes desde quando
que viram a estrela no Oriente.

8 E, os enviando a Belém,
lhes disse: Ide informar-vos
acerca desse menino,
e com cuidado contar-nos,

após o terdes achado,
a fim de que, em Belém,
do mesmo modo que vós,
possa adorá-lo também.

9 Depois de ouvirem o rei,
os magos, logo, partiram;
e eis que os precedia
a estrela que, no Oeste, viram,

até que ela parou,
assim que eles chegaram,
mostrando-lhes o menino

ao qual, com gozo, adoraram.

10 E, vendo eles a estrela,
sentiram gozo imenso
e o júbilo também foi
bem grande e muito intenso.

11 Prostrados ante o menino,
adoram e, do tesouro,
retiram lindos presentes:
Incenso, mirra e ouro.

Na casa então de Belém
os magos, pois, adentraram,
e, com Maria, sua mãe,
o lindo infante encontraram.

Do livro A Bíblia em Versos – Os Evangelhos de Mateus e Marcos (1995)

Albérico de Souza (1908 – 1988)

Natal

Albérico de Souza

Natal – o rio, a flor, a fonte, a luz,
a brisa, o mar, o vale, a penedia,
a noite, a madrugada, o sol, o dia,
festejam o natal do bom Jesus.

Natal – o rico, o pobre, o potentado,
o nobre, o pária, o livre, o viajor,
o poeta, o mestre, o nauta, o construtor,
fremem de gozo quando ele é chegado.

Natal – o grego, o russo, o brasileiro,
o chim, o persa, o bravo finlandês,
o sírio, o americano, o polonês,
em Cristo têm o eterno medianeiro.

Natal – no monte e pelo mar infindo,
nos polos, nos agrestes, no equador,
nas ilhas, no deserto abrasador,
é sempre o dia mais feliz e lindo.

Natal – na capital, no povoado,
na vila, na fazenda, na savana,
no templo, no palácio, na cabana,
é o dia mais feliz e mais amado.

Natal – o velho, o moço, a criançada,
o juiz, o militar, o pregador,
o impávido marujo, o aviador,
desfrutam todos paz alcandorada.

Natal – murmura a fonte cristalina,
Natal – diz a avezinha em oração,
Natal – perfuma a rosa purpurina,
Natal – diz a sorrir meu coração.

Do livro O Natal de Cristo – Coletânea (1950)

Mário Barreto França (1909 – 1983)

Natal Eterno

Mário Barreto França

Na manjedoura – de olhos serenos
e riso franco para os pequenos
que o foram ver –
revela aos povos o Deus-Menino
toda a grandeza do amor divino
que o fez nascer.

Diante de um quadro tão meigo e belo,
todo o Universo fez-se singelo
para exaltar
essa promessa que se cumpria
no humilde berço da Estrebaria:
Deus se encarnar...

Magos, pastores, pobres, ricaços,
todos apressam, sorrindo, os passos
para depor,
aos pés humildes de uma criança,
a doce oferta de uma esperança
no eterno Amor.

O céu se enfeita de luz e de ouro
e as harmonias de anjos em coro
prometem paz
à terra cheia de desengano,
cujas pelejas, ano após ano,
não findam mais...

Noite de festa, sagrada e boa,
mostras ainda a cada pessoa

que faz o bem
a luz excelsa daquela estrela
que, para o povo segui-la e vê-la,
foi a Belém.

Mulheres e homens do mundo inteiro,
vinde, acendamos esse luzeiro
espiritual
nos pinheirinhos das nossas vidas,
para ofertá-las a Cristo, unidas,
no seu Natal.

Porque, nas voltas do calendário,
surge o presépio, surge o Calvário
erguendo a cruz,
nesse convite à boa vontade
do amor fecundo da humanidade:
- "Vinde a Jesus" –

Do livro O Louvor dos Humildes (1953)

A Canção do Natal

Mário Barreto França

O campo verde, cheio de flores,
Com boas-novas para os pastores,
Amanheceu;
E coros de anjos, de harpa e saltério,
Cantam hosanas – doce mistério! –
Jesus nasceu!

Aos que possuem boa vontade,
Essa mensagem de caridade
Deus concedeu;
Glória perene lá nas alturas
E paz na terra pras criaturas!
Jesus nasceu!

Divina estrela, no céu luzente,
Aos grandes magos do extremo Oriente,
Apareceu...
E, sobre o teto da estrebaria,
Pairando, excelsa, lhes anuncia:
- Jesus nasceu!

O ouro, a mirra e a pura essência
Que lhe ofertaram com reverência
Deus recebeu,
Como o concerto da Nova Aliança,
Que para a nossa doce esperança
Jesus nasceu!

E o céu, e a terra, e o vento, e os ninhos
E o sol, e os mares, e os passarinhos,
Tudo correu
Aos quatro cantos do mundo inteiro,

Anunciando, como um luzeiro:
- Jesus nasceu!

Passam os anos, e a vida passa.
Mas, para sempre, temos a graça
Que ele nos deu;
Porque, nas almas dos desgraçados
Que se arrependem dos seus pecados,
Jesus nasceu!

Homem, não chores o teu destino!
Esse presépio do Deus-Menino
Permaneceu,
Para que a estrela da fé, brilhando
Dentro em tua alma, diga cantando:
- Jesus nasceu!

Do livro Primícias da Minha Seara (1984)

Traço de União

Mário Barreto França

O relógio bateu, soturna e tristemente,
Três horas da manhã.
Febril e impaciente,
O menino gemeu e virou-se na cama,
E a mãe, que cochilava ao pé do leito, chama:
- Mamãe!
- Que queres, filho?
- Eu quero ver papai!
Ele não quer voltar? Vai chamá-lo, não vai?
- Filhinho, ele não vem! Desde que nos deixou,
Nunca mais nos quis ver, nunca mais nos buscou;
O pouco que ele dá não chega para o pão
Nem para o aluguel de um quarto de pensão...
As vaidades do mundo e o amor de outra mulher
Afastaram-no de nós; e é isto o que ele quer...
Para quem se diverte, o alheio sofrimento,
Em vez de comover, causa aborrecimento.

Amigo verdadeiro e único protetor,
Só temos um, meu filho: é Deus, nosso Senhor!
Vamos, durma, meu bem!
Mas o menino insiste:
- Eu quero ver papai! – E a mãe, exausta e triste:
- Ele não nos quer ver! É mau, é insensível!
Para que, pois, tentar uma coisa impossível?!

Diz-lhe o menino: - Então, dê-me lápis e papel;
Vou fazer uma carta ao bom Papai Noel.
Talvez, por ser natal, ele logo convença
Meu saudoso papai a vir à nossa presença!

E, com trêmula mão e a letrinha ruim,

Uma carta escreveu, mais ou menos, assim:

"Papai Noel, você que anda no mundo inteiro,
Dando presente a uns e dando a outros dinheiro,
Traga outra vez papai para junto da gente!
Mamãe está tão triste e eu estou doente...
Coitada da mamãe! Vive sempre a chorar!...
Quisera ser maior para poder lhe dar
Tudo de que precisa... e precisa de tudo...
Desde a roupa de casa aos meus livros de estudo...
Não quero desta vez brinquedo e pinheirinho!
Quero só o papai, para, com seu carinho,
Consolar a mamãe, e comigo, afinal,
Comemorar, talvez, meu último Natal!"

A mãe, tão fraca e aflita, esperou um momento.
Ela estava indecisa: o seu temperamento
Talvez não suportasse uma afronta mais forte...
Mas o anseio do filho, às vésperas da morte,
Merecia de si aquela humilhação...
Por isso ela tomou a estoica decisão
De ir procurar o pai, para o filho querido:

- Descansa, filho! Irei levar-lhe o teu pedido!

Em face à afirmação de sua mãe que iria
Buscar Papai Noel, o garoto sorria;
E sorrindo dormiu, para sonhar depois
Com seu lar renovado: o pai, a mãe – os dois
Felizes, a cantar em volta a um pinheirinho,
Fulgurante de luz, branquejante de arminho...

E, à luz da madrugada, aquela mãe aflita
Saiu para implorar, a quem tinha o dever
De dar à sua dor tristíssima e inaudita
A grata proteção para amar e viver...

Chegou ao lar espúrio; e ficou indecisa
Se havia de bater ou não... mas, qual a brisa,
Ouviu, muito de leve, o filho suplicar:
- Mamãe, diga ao papai que eu quero lhe falar!...
Que ele venha depressa aqui a nossa casa...
Não demore, mamãe, que esta febre me abrasa!

E em nada mais pensou: bateu nervosa à porta.
A vigia se abriu e uma voz quase morta,
Lá de dentro, indagou: - Que deseja a senhora?

- Senhor, seu filho doente anseia vê-lo, agora!
Venha, venha depressa, ele está muito mal!...
Foi só o que pediu a Deus neste Natal...

E, atrás daquela porta, aquela voz sem brilho
Respondeu: - Está bem! Eu irei ver meu filho!

E aquela pobre mãe voltou depressa, aos trancos;
E magra, e de olhar cavo, e de cabelos brancos,
Naquela casa ruim, naquela rua escura,
Era a cópia fiel da estátua da amargura.

Acordando o menino, em lágrimas repara
Que fora tudo aquilo um sonho que passara...
E pergunta, depois, à mãe exausta e triste:
- Mamãe, diga pra mim: Papai Noel existe?
- Por que, filho?
- Porque eu lhe fiz um pedido
Para trazer de volta o meu papai querido;
E ele não se importou nem se lembrou de mim!
Por que será, mamãe, que a sorte é injusta assim?
Creio que do infeliz, do pobre e do tristonho,
Papai Noel, mamãe, só se recorda em sonho.

- Meu filho, Deus é bom e há de escutar-te a prece!

Nisto, à porta do quarto, o seu pai aparece.
O menino o percebe e diz-lhe, erguendo a mão:
- Papai, papai! Foi Deus que ouviu minha oração!
Por que o senhor, papai, não veio mais nos ver?
Eu estou tão doente, estou quase a morrer...
Veja que quarto escuro e que Natal tão triste!
A árvore de Natal murchou, já não existe...
Noutro tempo, papai, como era diferente:
O senhor enfeitava um pinheirinho e a gente
Cantava em volta dele e ia dormir mais cedo,
Para Papai Noel nos trazer um brinquedo...
Recorda-se, papai? É um hino tão antigo,
Porém é tão bonito! Ande, cante comigo:

"Ó pinheirinho de Natal,
Que belos são teus galhos!..."
.....

Você chora, papai? Você também, mamãe?
Papai, sente-se aqui! Você, mamãe, me apanhe
Nosso retrato... Aquele!... Olhe: eu estou no meio,
Pegando as suas mãos... Papai!... Mamãe!... Eu creio
Poder fazer o mesmo agora: - Deem-me as mãos!...
Assim... assim... Meu Deus, somos todos cristãos...
Oh! une-os para sempre, em teu excelso amor!
Para sempre, Senhor!... Para sempre, Senhor!...

E, num último esforço, as suas mãos juntou;
Olhou sorrindo os dois... e, plácido, expirou...

***

Senhor, que estás nos céus! Pelos nossos pecados,
Estávamos assim de ti divorciados;
Mas um dia Jesus, teu Filho predileto,

Sofrendo a nossa dor, movido pelo afeto,
Suportou a maldade indômita do mundo,
Subiu à rude cruz, e, quase moribundo,
Perdoou nossa falta, uniu as nossas mãos
À mão do eterno Pai, fazendo-nos irmãos
No mesmo sentimento e no mesmo ideal
De propagar o bem e de vencer o mal...

E desde aquele dia a tua paz celeste
Envolve de harmonia o nosso coração,
Porque Jesus se fez, sobre o Calvário agreste,
Entre os homens e Deus, o TRAÇO DE UNIÃO!

Do livro Primícias da Minha Seara (1984)

Natal

Mário Barreto França

Quando Jesus nasceu, a natureza
Fez-se humilde e pequena para o ver
Na sua doce e lírica pobreza,
Mostrando-lhe um sorriso de prazer.

A aleluia dos cânticos, acesa,
Fulgia e palpitava em cada ser;
No olhar dos pobres via-se a certeza
De uma nova esperança resplender...

E o pequenino Deus, na manjedoura,
Era do amor a benção salvadora
Feita, em noite de trevas, doce luz...

Quando Jesus nasceu, piedoso e lindo,
Aos olhos do universo abriu sorrindo
Os pequeninos braços numa cruz.

Do livro Primícias da Minha Seara (1984)

Noite de Paz

Mário Barreto França

Toda a bondade, toda a esperança,
Que anima o velho e exalta a criança
No mesmo ideal,
Vem do teu berço, divino Mestre,
Que marca a nova era terrestre
No teu Natal.

Em qualquer parte do mundo inteiro
Há sempre um templo, sempre um pinheiro,
A anunciar
Que tu nasceste para que o mundo
Tivesse o ensejo grato e fecundo
De se salvar.

Em todo lábio que te agradece
Mais doce é o hino, mais santa é a prece,
Mais pura é a voz,
Pois nesta noite nasces de novo
Para a alegria de todo o povo,
De todos nós...

Ai! Quem me dera, Jesus bendito,
Que todo o mundo cansado e aflito
Quisesse ouvir
O teu apelo de todo o ano,
Para despir-se do ódio humano
E te seguir;

Seguir a estrela do teu ensino
Para tornar-se como um menino,
Que te bendiz
Na sua doce e casta alegria,

Na sua ingênua sabedoria
De ser feliz.

Que a tua nova, serena e boa,
Encha de graça cada pessoa,
Seja quem for;
Que na amargura mostre um sorriso,
E ache a promessa de um paraíso
No teu amor.

Noite de bênçãos feliz e linda,
Que o teu luzeiro rebrilhe ainda,
Rebrilhe mais,
Glorificando a Deus nas alturas,
E unindo todas as criaturas
Na tua paz!

Do livro O Louvor dos Humildes (1953)

A Doce Alegria

Mário Barreto França

Num berço pequeno,
Coberto de feno,
Risonho e sereno
Nascera Jesus;
E na estrebaria
A doce alegria
Do olhar de Maria
Servia de luz.

A virgem tão pobre
O corpo lhe cobre
Com veste mais nobre
Que o manto dos reis:
É a túnica pura
Sem uma costura,
De fúlgida alvura,
Celeste talvez.

Que ingênua beleza
Naquela pobreza
Que dava a certeza
Que Deus estava ali
Naquela criança,
Firmando a esperança
Da Nova Aliança,
No altar de Davi!

Vieram pastores,
Plebeus, lavradores,
E reis e doutores
Vieram também;
E sob esse teto

De paz e de afeto,
Jesus mais dileto
Não via ninguém;

Que a todos olhando,
Solícito e brando,
Não ia observando
No porte ou na cor,
Que a alma que fala,
À vida vassala,
A todos iguala
Na bênção do amor.

Ah! Que a humanidade
Aceite a verdade
Daquela humildade
Que é luz perenal,
E todo o universo,
Mais justo e converso,
Na prosa ou no verso,
Bendiga o NATAL!

Do livro Primícias da Minha Seara (1984)

Noite de Natal

Mário Barreto França

Noite festiva, noite de prece
Em que minh'alma rejuvenesce
Nesta certeza que tu me dás
Que em Jesus Cristo nasce de novo
Nova esperança para o meu povo,
Bendita sejas, noite de paz!

Na árvore verde, toda enfeitada
De mil brinquedos pra meninada,
Há mil promessas nos corações
Que te contemplam na ingenuidade
De uma alegria ou de uma saudade,
Bazar florido das ilusões...

À meia-noite tangem os sinos,
E todos somos uns peregrinos,
Seguindo a Estrela que além reluz,
Para ofertarmos, no altar da vida
Das nossas almas, a enaltecida
Fé em Deus – Filho, Cristo Jesus.

Os órgãos tocam, cantam os coros
E de Bondade os áureos tesouros
Jorram da fonte do eterno Amor,
Levando às almas dos desgraçados
Pleno resgate dos seus pecados,
Pelo Evangelho do Redentor.

Noite querida dos pobrezinhos,
Quantas doçuras, quantos carinhos
Em ti nós todos vamos achar,
Porque recordas os tempos idos,

Santos momentos tão bem vividos
Que alegram tanto ou fazem chorar.

Noite gloriosa cuja mensagem
Do céu à terra canta na aragem
O hino celeste da salvação,
Quando as crianças do mundo inteiro
Fazem dos risos vivo luzeiro
Na árvore rubra do coração.

Noite dos órfãos e das viúvas
Que de mil bênçãos derramas chuvas
Nas almas tristes a reflorir...
Aos deserdados de todo o mundo
Dás a alegria do amor profundo,
Dás a esperança do teu porvir.

Noite festiva, noite de glória,
Sempre repetes a linda história
Do Deus-Menino sentimental
Que amou o mundo de tal maneira,
Que a humanidade tornou herdeira
Do céu, na noite do seu Natal.

Do livro O Louvor dos Humildes (1953)

Prece de Natal

Mário Barreto França

Que suave e dulcíssima alegria,
Que vontade de amar em teu louvor
Sentem todas as almas neste dia
Que rememora teu Natal, Senhor!

O desprezo dos homens, a amargura,
O cansaço da vida, a inveja, o mal,
Tudo parece que se transfigura
Ante a paz e o esplendor do teu Natal.

As promessas de amor, as esperanças,
A vontade de crer e ser feliz,
Trazem de novo os sonhos das crianças
A todo coração que te bendiz...

Há nos lindos pinheiros enfeitados
A mais pura e sublime adoração
De todos os que choram seus pecados
E te garantem mais consagração.

Que o teu convite ao Bem, de todo ano,
E a tua oferta de perdão, Jesus,
Encham de fé o coração humano
Para que o mundo se converta em luz!

Do livro O Louvor dos Humildes (1953)

Benjamin Moraes Filho (1911 – 1984)

Meu Natal

Benjamin Moraes Filho

Jesus, meu bom Jesus,
Ó triunfante vencedor do mal!
Venho trazer-te o humílimo louvor
Todo feito de amor,
No teu Natal,
Senhor.

Teu leito pobrezinho,
Sem uma renda ou fita,
Resume, para mim, toda a infinita
Graça e carinho
Com que Deus quis tratar o pecador,
Meu Senhor!

O teu Natal, Jesus,
Tem, para mim, a esplêndida expressão
De um Natal todo feito de luz,
Que ressurge sempre no meu coração,
E se traduz
Num reflorir de meigas esperanças,
Num céu de anil, a prometer bonanças,
Em suavíssima e calma
Primavera de amor que nunca cessa!...

É o que sente minha alma,
Tão só pelo Natal de Cristo,
Em cumprimento de eternal promessa.

Do livro Meu Natal (1937)

Natal

Benjamin Moraes Filho

Cai, mansamente, a neve no caminho,
Das velhas casas recobrindo o tecto,
Vestindo arbustos do mais puro arminho,
E dando à natureza o mesmo aspecto
Sereno e doce,
Que a algidez da estação consigo trouxe.

Tudo é tão calmo na melancolia
Dessa branca paisagem,
Que nem parece que em Belém nascia
A maior personagem,
A mais nobre e notória
Que ia surgir nas páginas da história.

Poderosos da terra, estremecei!
A humilde manjedoura,
No seu mistério, esplêndido e profundo,
Recolhe agora uma criança loura,
Um pequenino que é nascido rei,
E que há-de, um dia, governar o mundo!

Filhos do mal, tremei!
A rude estrebaria de Belém
Abriga, na mais cândida humildade,
O soberano cumpridor da Lei,
Que há-de julgar o que de mal ou bem
Vós tenhais praticado,
E há-de vingar a vossa iniquidade
Como um régio e divino Magistrado.

Descuidosos de espírito, atentai!
É já chegado o dia

De apresentar-vos ante o vosso Pai,
E dar-lhe contas, já, da mordomia
Dos talentos que tendes recebido;
Pois agora é nascido
O Senhor da divina Economia.

Folgai, filhos da dor!
Ouvi dos céus a esplêndida, a mais grata
E gloriosa mensagem
De haver nascido o vosso Redentor,
Na humilde terra efrata,
Mas que vos vem tirar da vassalagem
Que sofríeis às mãos do tentador.

Todos vós, pecadores, exultai!
Vós que tínheis ao mal a alma submissa,
Que tínheis fome e sede de justiça,
Em coro levantai!
Pois como prova imensa, altiloquente,
Do seu infindo amor,
Deus fez nascer nas terras do oriente,
O vosso Salvador.

Do livro Meu Natal (1937)

José Silva (1913 - ????)

Luminoso Natal
(acróstico)

José Silva

Natal, que é vida contra a morte,
ao mundo trazendo salvação;
Natal... Boa Nova de um Deus Forte,
é o Natal da nossa devoção.

A vida que Ele nos anuncia,
é vida de segurança e paz;
é esplendor de um belo e Novo Dia;
é vida que bem nos satisfaz.

Trevas lá se vão em retirada,
desde que em Belém Jesus nasceu...
Na cruz a batalha foi travada
e a morte e o pecado Ele venceu.

As luzes e os anjos festejaram,
o evento da vinda de Jesus...
O presépio e a cruz se harmonizaram...
E aos homens raiou a grande Luz.

Luminoso é o Natal do remido,
pois que nele a Estrela fulgurou...
Nele, o vão prazer já foi banido;
Nele o santo Amor se eternizou.

in O Jornal Batista #52 – Dez 1978

Lourival Garcia Terra (1916 - 2003)

Estrela de Belém

Lourival Garcia Terra

Estrela de Belém, graciosa, refulgente,
Que entre os astros surgiste à ordem divinal,
Bendita, singular, nívea, monumental
Nos céus, nos amplos céus, dos climas do Oriente.

Estrela de Belém, o teu porte imponente
Encheu de brilho o imenso espaço sideral,
Guiou de longas plagas, qual místico fanal,
À terra de Davi, os magos do Oriente.

Estrela de Belém, a tua maior glória,
Com registro na Bíblia arquivada na História
Que mais fez projetar no mundo a tua luz,

Foi que cumpriste bem a missão soberana
De trazer nova era para a raça humana
E assinalar bem claro o Natal de Jesus!

In O Jornal Batista #52 – Dez 1961

Thiago Rocha (1926 -)

A História do Natal

Thiago Rocha

De nossa infância as ilusões fenecem:
passam-se, como o tempo que as invade.
Como o sonho infantil, desaparecem
os ideais de nossa mocidade.

E, como sombra do passado, descem,
para as páginas tristes da saudade,
as cantigas e os contos que se esquecem,
à medida que passa a nossa idade.

Mas ficará gravada na memória,
dos tempos infantis a bela história
que, repetida sempre, jamais cansa:

"Era uma vez uma gentil criança,
que, vindo ao mundo pra fazer o bem,
nasceu na manjedoura de Belém."

Do livro Águas de Descanso (1969)

Se Cristo Não Nascera...

Thiago Rocha

Se Cristo não tivera algum dia nascido,
que seria de nós sem sua inspiração?
Se não descera à terra o Mestre tão querido,
quem nos traria gozo e paz ao coração?

Se Cristo não viera, como do perdido
a culpa poderia ter expiação?
Se não houvera Cristo entre homens convivido,
onde estaria toda a nossa animação?

Se Jesus não tivera vindo realmente,
não seria o Natal a festa mais pungente,
que mais calor e gratidão traz à lembrança.

Se Cristo não nascera no presépio tosco,
se ele não fora o Deus presente, o Deus conosco,
jamais nos brilharia a tocha da esperança.

Do livro Águas de Descanso (1969)

Emanuel

Thiago Rocha

São bonitos os nomes de Jesus:
Cristo, Messias, Mestre, Salvador...
Qualquer deles a amá-lo nos induz,
cada qual nos aponta o seu amor.

Há, contudo, um nome que reluz,
e que transmite ao coração calor.
Desde os profetas brilha a sua luz,
desde o Natal nos fala o seu favor.

Emanuel – é Deus conosco, é Deus
vivendo junto a nós, no ingrato mundo.
Emanuel – é Deus por nosso amigo.

É Deus deixando a glória lá dos céus,
para descer ao vale mais profundo.
Emanuel – é Deus sempre comigo.

Do livro Águas de Descanso (1969)

O Lugar do Natal

Thiago Rocha

Os magos quando saíram
a buscar o Infante Deus,
no palácio não o viram,
nem no templo dos judeus.

E da cidade sumiram,
vendo a estrela lá nos céus.
Em Belém o descobriram,
numa casa, junto aos seus.

Ainda hoje, no Natal,
não acharemos Jesus
quer no palácio real

ou nos festejos de luz.
Nós o vamos encontrar
no são convívio do lar.

Do livro Águas de Descanso (1969)

Natal Antigo

Thiago R. Rocha

Eu me recordo do Natal de outrora,
só da família e só também da Igreja,
muito mais terno que o Natal de agora,
por mais alegre e cheio que este seja.

Muita criança neste dia chora,
porque não tem o brinquedo que deseja.
O Natal hoje só se comemora
com coisas onde o vil metal esteja.

Por isso eu lembro o meu Natal antigo,
com saudade e repleto de emoção:
Era a festa do lar, onde Jesus,

me parecia procurar abrigo,
trazendo de Belém a sua luz,
pra fazer seu Natal no coração.

In Revista Vida Cristã (Out/Dez 1967)

José Britto Barros (1930 -)

Natal

José Britto Barros

Mt. 2.1-12; Lc. 2.1-20

Esse dia em Belém fora muito agitado:
Era gente demais, enorme confusão;
É que o povo ia ser, pelo censo, alistado,
Cada um regressando ao seu próprio torrão.

Estalagem qualquer já ninguém mais cabia;
E nas casas comuns já não há mais lugar;
O povo que chegava as tendas construía,
Para a noite ao relento e ao frio não passar.

Fosse nobre ou plebeu, eis todos regressavam
À pátria de Belém, para ali, se alistar.
Grupos grandes demais, as ruas se apinhavam
E o povo não cessara ainda de chegar.

A noite que já vinha, em seu manto obumbroso,
Envolveu a cidade em fria escuridão;
Por aqui, por ali, um ponto luminoso,
Era tudo o que havia a brilhar na amplidão.

Cansados, de vagar, ao longe, dois viajantes
Da pátria estremecida estão-se a aproximar,
Exaustos como estão, se sentem já radiantes
Pois, certo, dentro em breve, iriam descansar...

Eram filhos dali, da terra de Jessé,
Semente de Davi, são: Maria e José!

E lá da Nazaré distante caminharam
Para essa ordem do rei jamais contrariar;
Mas... a noite ia longe, e quando eles chegaram,
Estalagem qualquer não mais tinha lugar!

Era grande a aflição dos corações cansados;
Onde iriam passar a noite assim tão fria?
Deprimidos estão, de forças esgotados...
Alguém lhes oferece a pobre estrebaria...

Ali, entre animais, os dois vão repousar,
Procurando, o vigor do corpo, restaurar.

Depois de dormitar, porém, sono ligeiro
Maria despertou seu caro companheiro,
E, cheia de ansiedade, a virgem lhe falou:
José, vou descansar, a hora já chegou!

E ali, na manjedoura o filho trouxe à luz,
E logo lhe chamou com o nome de Jesus!

Este caso invulgar, evento sem rival,
Era o grande esplendor do primeiro Natal!

Nasceu o Redentor na humilde estrebaria,
Renovo de Jacó – o filho de Maria!

* * *

Pastores, lá no campo, ovelhas a guardar
Mensagem lá do céu escutam proclamar,
Era a nova ideal que um anjo lhes trazia,
Que para o mundo em dor o Salvador nascia!

"São novas de alegria, e não tenhais temor!
Nasceu o Cristo Eterno, o Santo Redentor!
Havereis de encontrá-lo em faixas enrolado,

Na humilde manjedoura, em Belém, reclinado."

E o céu se povoou de arcanjos a cantar
Louvores ao Senhor que aos homens quis salvar!
Eram harpas do amor os instrumentos seus,
Nas alturas vibrando hosanas ao bom Deus!

* * *

Nascera o Salvador há tanto proclamado,
Por tantos corações querido e esperançado!

Não veio como rico, em corte de esplendor,
Repousa em berço humilde o herói restaurador!

Não veio como nobre, ostentando brasão,
Mas mesmo como pobre outorga Salvação!

O Verbo feito carne! Oh! divino esplendor!
Maravilhas do céu! Presente do Senhor!

Ó mundo conturbado e cheio de aflição,
Medita no Natal do Cristo Remissão!
Considera esse dom do Todo-Poderoso,
Aceita o grande amor que te faz venturoso!
Oh! queda o pensamento e volta para trás,
Há milênios nasceu o Príncipe da Paz!

* * *

Os pastores, então, após de tal saber,
Queriam sem demora o Cristo conhecer!
E, depressa, se vão dos campos de Belém,
Té lá, à manjedoura, a ver o Sumo Bem!
- Privilégio inaudito e ventura sem par:
O Deus humanizado em preces adorar!
Estava satisfeita a grande expectação,
Chegara do Senhor a Eterna Redenção!

Voltaram proclamando, em gozo triunfal,
Que haviam partilhado o primeiro Natal!
Natal que transmudou da raça a triste história,
Trazendo sobre o mal esmagante vitória!

Natal de esplendorosa e aurifulgente luz
Que trouxe ao mundo mau o meigo e bom Jesus!

Natal que proclamou a nova mais feliz
Que Deus ao pecador doar seu Filho quis!

Natal esplendoroso em noite de bonança,
Onde fulge, sem par, a estrela da esperança!

Contempla, homem perdido, o brilho dessa luz
E procura depressa o menino Jesus!
E faz, homem perdido, então, como os reis sábios,
Que honraram o Salvador não apenas de lábios,

Se abalaram de longe, a terra do Oriente,
Para o Cristo adorar, sincera e humildemente!
Ó vem à manjedoura e a Cristo te prostrando
Verás todo o esplendor de que te estou falando!

Nascido o Redentor! – Hosana festival!
Epopeias de luz do primeiro Natal!
Nascido o Redentor! – a promessa cumprida,
É ele quem vem dar ao homem em nova vida!

Nascido o Redentor! – vibrante afirmação!
É ele o Salvador, de Dores o Varão!
Nascido o Redentor! – são cantos de harmonia,
Dizendo que chegou da Graça o lindo dia!

Nascido o Redentor! – enlevo musical!
Dulcíssimo vibrar! Esplêndido Natal!

Nascido o Redentor! – Deus Filho humanizado
A bem do pecador proscrito e condenado!
Epopeia do amor do Eterno Deus Clemente,
A de ao mundo enviar o Filho Onipotente!

São glórias imortais que canto sem findar!
São músicas do além que nunca hei de expressar!
São brilhos desse Sol da humana Redenção!
São fulgores sem par do Cristo divinal!
São bênçãos eternais do primeiro Natal!
São flores lá do céu na terra em floração!

Aceita, Redentor, o canto deste dia
Que vibro emocionado em pálida poesia!

E possa este meu canto o mundo despertar,
Fazendo-o bem depressa em preces te adorar!

Aleluias ao céu, ao brilho dessa luz!
Hosanas ao Natal do Bendito Jesus!

Do livro Memórias do Nazareno (1966)

Um Perfeito Natal

José Britto Barros

Ali na estrebaria,
Cuidando de Maria,
Encontra-se José;
Queria nesse instante
De angústia cruciante
Estar em Nazaré.

De lá haviam vindo em busca de Belém
Onde iriam ficar se alistando também.

É que Augusto ordenara o recenseamento
E uma sua ordenança exigia andamento.

Chegados na cidade
- Oh! Quão dura verdade! –
Não encontraram lugar...
Os hotéis estão cheios;
E quais são outros meios
Com que podem contar?

Na pátria de Jessé, a terra estremecida,
Não conseguem os dois mesmo simples guarida
Para a noite passar e o decreto cumprir...
E se vão a vagar... Depois, já sem coragem,
Suplicam afinal o dono da estalagem
Os consinta sequer no estábulo dormir.

E lá ficam deitados
Entre ovelhas e gados,
No feno, sobre o chão...
Maria, tão bonita,
Nessa hora inda medita

E faz sua oração.

Depois vai descansar; mas eis que o tempo é findo,
E nasce-Lhe a criança, o filho santo e lindo!

No presépio nascia, em penumbra, sem luz,
O meigo e divinal, o puro e bom Jesus!

Ironia tremenda – o Cristo, o Criador,
Não achou sobre a terra um lugar de esplendor...

Nasceu na singeleza humilde da lapinha,
E Maria envolveu em panos a criancinha.

Nasceu humildemente
O Cristo Onipotente
Em terras de Belém.
Aos homens vem dar gozo,
É forte e poderoso,
Mas palácio não tem!

No presépio não teve os lampejos brilhantes,
Mas no astral resplandeceu em raios fulgurantes
A estrela singular do primeiro Natal!
Não teve dos mortais nem cantos nem festejos,
Mas os anjos no céu, em dúlcidos harpejos,
Fizeram-lhe concerto em música imortal!

Não veio da nobreza alguém a visitá-lO,
Mas os reis do Oriente ofertas Lhe trouxeram!

Os sábios de sua raça o desprezo Lhe deram,
Mas os reis do Oriente ofertas Lhe trouxeram!

Se foi na estrebaria
Que o filho de Maria

Ao mundo veio à luz,
Não seria algo estranho
Que num dia medonho
Morresse numa cruz!

Se foi a soledade
Que o rei da humanidade
Ao nascer suportou,
Seria extraordinário
O dia no Calvário
Que Deus O abandonou?

Se nasce entre animais
Pois homens, racionais,
Não querem-nO hospedar,
Será algo espantoso
O povo ostentar gozo
Em o crucificar?

Ó Jesus sem igual das tribos e nações,
Não achaste guarida em as tantas mansões
Da terra de Davi, a pátria de Jessé!
E a cena repetiu-se assim por vezes tantas,
Pois quando para ler um dia te alevantas
Te rejeita também o povo em Nazaré!

Ó Jesus divinal, que dor, que ingratidão,
Do mundo a quem vens dar a luz da Salvação!

Corações, tantos há, que nunca te hospedaram
E entre as cousas mais vis até te colocaram...

Possa haver, meu Jesus, nesta hora crucial,
Uma outra visão de um perfeito Natal!

Natal em que esse amor que ao mundo Tu ofereces

Seja aceito sem custo e ao vibrar de mil preces,
Os homens venham dar-te o louvor magistral,
Para seres bendito e honrado eternamente
Na vida e coração de todo e qualquer crente
Que, penetre o poder do perfeito Natal!

In O Jornal Batista #52 - Dez 1958

Relíquias do Natal

José Britto Barros

Desse evento sem par que o mundo contemplara
Em êxtase de amor, de sonhos e esperanças,
Iriam perdurar, em beleza mui rara
Relíquias de valor, memoráveis lembranças.

Aos magos ficaria a luz tão pura e clara
Da estrela que fulgira em noite de bonança;
Aos humildes zagais, a música tão cara
Que os fizera fruir as bem-aventuranças!

E José guardaria em sua alma, entre gozo,
A visão sem igual do Todo-poderoso
Dizendo ser Jesus milagre divinal!

E Maria, tão bela em sua pulcritude,
Qual tesouro de amor, de encantos e virtude,
Iria conservar relíquias do Natal!

Do livro Natal, a dádiva divina para o seu coração

A Estrela Guia

José Britto Barros

Uma estrela brilhou lá no Oriente
Mostrando aos Magos o caminho certo.
Então eles partiram prontamente
Enfrentando as agruras do deserto.

Uma estrela divina, aurifulgente!
Que importava o lugar não lhes ser perto?
Para o fiel e verdadeiro crente
Se Deus mostrou, já não há mais o incerto!

As estrelas de Deus estão brilhando,
Pois Ele ainda opera no comando
E aos servos seus vai sempre orientar.

Sigamos do Natal a Estrela Guia
E assim teremos paz e alegria
Por nosso tudo ao Mestre consagrar!

Do livro Natal, a dádiva divina para o seu coração

Prece de Natal

José Britto Barros

Jesus do doce olhar dos olhos de Maria,
Nascido humildemente ali na estrebaria,
Sobre o feno, tão só, na pobreza e sem lar,
Ó Cristo divinal das benditas promessas,
Ó tu que cansas nunca e que de amar não cessas,
Atende, meu Senhor, este intenso rogar.

Desdobra o teu olhar sobre a terra tão triste
E contempla, Jesus, e mira em que consiste
As preocupações deste mundo sem luz!
Ó vê, meu doce Cristo, esta orgia de gozos,
Este louco viver em prazeres ociosos
De cousas sem valor com que o mundo seduz.

Ó Mestre galileu das jornadas de amor,
Renova dentro em nós o divino esplendor!

Ó Jesus divinal dos sublimes cuidados,
Inspira em nosso peito o horror aos pecados!

Ó Cristo puro e bom que nasceste em Belém,
Faz nascer em nossalma as sementes do bem!

Que é Natal realmente, ó Cristo sublimado,
O mundo desconhece e envolve-se em pecado,
Distante do teu grande amor, do teu poder;
Natal se transformou em comércio aviltante,
Já não brilha no céu a estrela fulgurante
Que aos magos do Oriente indicou teu nascer!

Ó Cristo dos sermões, parábolas, preceitos,
Restaura o nosso ser e sana os mil defeitos

Que nos fazem gemer, que nos fazem chorar;
Esparge sobre nós teu olhar de ternura
E de novo o prazer à nossalma assegura
Fazendo-nos sorrir, ser felizes, cantar!

Ó Cristo do Natal, dos pastores singelos,
Ó Cristo do Porvir, dos ensinos tão belos,
Ó Cristo sem igual dos povos e nações,
Vem e cria de novo essa viva esperança
Daquele tempo lindo em que foste criança
E plenaste de gozo humildes corações!

Ó Jesus, neste dia, atende nossa prece,
E os nossos males mil, ó Jesus, logo esquece,
Fazendo-nos fruir a paz celestial!
E tangendo outra vez as harpas da harmonia
Transmuda o nosso tédio em dúlcida alegria
Pelo doce milagre eterno do Natal!

E de novo, Jesus, deixaremos contentes,
Quais zagais de Belém, as campinas virentes
Para dar-te sincera e franca adoração!
Como os magos, o ouro entregar-te queremos,
O incenso de nossalma, a ti o ofertaremos
E a mirra perfumada há de ser-te oblação!

Ó vem, doce Jesus do Natal de Belém
E repousa em nossalma ansiosa também!

E faze, meu Senhor, se eternize o Natal
Por seguirmos o Bem e evitarmos o mal!

In O Jornal Batista #51 – Dez 1968

Gióia Júnior (1931 – 1996)

A Estrela do Menino Pobre

Gióia Júnior

Uma estrela pequenina,
cintilante, de brocal,
anuncia, na vitrina:
hoje é dia de Natal.

O menino da favela,
sem camisa, pés no chão,
acha a estrela muito bela
e quer tê-la em sua mão.

Por amá-la e por querê-la
fica tempo a meditar:
Como é bela a minha estrela!
E depois, põe-se a chorar.

Um milagre enquanto chora,
Deus acaba de operar:
e o menino vai-se embora
c'o uma estrela em cada olhar!

Do livro 25 Anos de Gióia Júnior (1976)

Representações do Natal

Gióia Júnior

(Para Eunice Palmeira, pequenina flor colhida prematuramente.)

Foi na Igreja do Braz, nos primeiros alvores
da Festa do Natal.
Para representar as pequeninas flores
estava sendo feita a escolha cuidadosa
numa bela manhã dominical...
- Você é a margarida!
- Eu quero ser a rosa.
- O jasmim é você! Arranja para mim
uma parte, eu não posso estudar o jasmim?!
- Fique quieta, menina, que eu arranjo!
...Está faltando agora, e eu não achei ainda
a menina mais linda
que possa ser o anjo!

- Eu quero, professora, eu estudo! assim disse
levantando a mãozinha a pequenina Eunice –

- Mas onde já se viu um anjo tão pequeno,
acho que não existe anjo moreno...
Anjo deve ser loiro, os cabelos doirados,
as faces cor-de-rosa, os olhos encantados,
verdes como o mar calmo. Eu quero um anjo lindo
que tenha a voz solene e a fala compassada.
A menina sentou-se e não falou mais nada,
mas ficou refletindo...
"Anjo deve ser loiro"!!!

Foi no dia seguinte, a notícia correu
como o vento que voa pelas ruas:
- Quando foi? – foi às duas,

- Foi fatal? – foi fatal, a menina morreu!
Eunice a pequenina e delicada flor
que no dia anterior
quisera ser um anjo,
atravessando a rua alvoroçada,
ao dirigir-se para a escola, onde teria
a aula final do derradeiro dia;
correu e foi atropelada,
deixando ali na rua desolada:
a sombrinha partida,
a pasta estraçalhada,
deixando ali na rua a própria vida!

Fui vê-la em seu caixão, toda de branco
de grinaldas no rosto e de sombras no olhar:
- perfume em todos os quartos
flores por todo o lugar.

Ela queria ser um anjo
e Deus que é muito bom e ouve as meninas, deu
a Eunice o privilégio, o prêmio sem igual
de ser, não só por uma festa de Natal
mas, para todo o sempre, um anjo lá no céu!

Hoje, Eunice de branco em brilho e majestade
a voz cheia de encanto e de dulçor,
canta, plena de gozo, os bracinhos erguidos,
com todos os remidos,
por toda a eternidade,
o cântico de glória do Senhor!!

Do livro 25 Anos de Gióia Júnior (1976)

Mensagem do Anjo

Gióia Júnior

Sim, aos pobres, ao povo... Do rebento
do Rei Davi nasceu, para a alegria
do pobre, das entranhas de Maria,
o Rei Jesus! No humílimo aposento
de uma pobre e festiva estrebaria
sem adornos, vereis, no encantamento
infantil, entre as palhas, "a poesia
que há de inundar o mundo num momento..."
De grande gozo é a nova que vos trago,
achareis o menino, sob o afago
de seus pais, em Belém... Cristo Jesus,
eis o seu nome... É o rei que as profecias
prometeram... Hosanas ao Messias!
"O povo em trevas viu a grande luz!!!"
Ressuscitai! Revivescei, pastores!
Desceu Jesus dos páramos divinos,
encha-se o campo de formosos hinos,
cubra-se o coração de lindas flores!
Regozijai-vos... Glória a Deus, pastores,
sejam homens, mulheres e meninos
que, no cântico ideal dos peregrinos,
façam chegar a Deus os seus louvores!
Jesus nasceu! Natal! Glória no espaço...
O amor de Deus foi revelado ao mundo,
Jeová cobriu a terra, num abraço...
A semente rolou da sua mão:
abra a terra o recôndito profundo
para que rompa a flor da salvação!!!

Ide ver o menino envolto em panos,
numa epopeia de simplicidade...
Coincide o fim dos vossos desenganos

com o princípio da felicidade!
"Mais do que a flor do lótus, que, em verdade,
vem ao mundo uma vez cada cem anos",
brotou a flor dos ideais humanos,
que nasce uma só vez na eternidade.
Estrelas! Perfumai o céu profundo...
Flores! Brilhai pelos jardins do mundo...
Berço da vida é a Pátria dos Judeus...
Luz ante a qual as trevas se consomem:
Deus – que padece as dores como um homem!
Homem – que salva o mundo como um Deus!

Verdade – palavra dura,
espada de fundo corte,
segredo de sepultura,
onde a vida esconde a morte!

Do livro 25 Anos de Gióia Júnior (1976)

A Árvore Canta

Gióia Júnior

A árvore canta...
Na voz das crianças,
No coro dos salvos
Ela se agiganta
Fala de ternura,
De paz e doçura
Nesta noite santa.

A árvore canta
Um canto festivo de mil emoções
E o canto sublime não sai da garganta
Mas, dos corações:
A árvore canta,
São luzes fazendo de gotas de orvalho
E há nervos e carne e olhares por plantas
E há braços e gestos e risos – por galhos!

A árvore canta
E há tanta poesia,
Tanta graça, tanta...
Que a noite brumosa
Se transforma em luz
E todos os frutos
E todas as flores
E todos os galhos
Falam de Jesus!

A árvore canta
E sua harmonia muitas bênçãos traz!
E a música santa
Fala da poesia da noite de paz!

A árvore canta,
Ela vive e vibra,
São togas brilhantes
Por vestido e manta,
Olhares festivos
Por estrelas e luz
A árvore canta nesta noite santa
E fala do berço que uma estrela doura,
De uma manjedoura
E também da cruz!

Quem queira salvar-se
Ouça as maravilhas
Que a árvore diz:
Seja moço ou velho,
Aceite o Evangelho
E viva, feliz!

Do livro 25 Anos de Gióia Júnior (1976)

As estrelas

Gióia Júnior

As estrelas tem nomes de poemas;
elas se espalham pelo céu como sementes,
vibrando até que surjam novos mundos...
As estrelas são crianças inquietas
e tem nomes musicais,
são notas musicais
cantando no céu:
Sirius, Canópus,
Alfa do Centauro,
Vega Capela, Arcturus, Rigel, Prócion,
Aquernás, Altair, Aldebarã,
Pólux, Antares, Betelgeuse,
Deneb, Espiga...

Mas nenhuma é mais bela e mais pura e mais santa,
e brilho como o seu nenhuma estrela tem
que aquela estrela mística e divina
que, surgindo no céu da Palestina,
brilhou na manjedoura de Belém!

Do livro Orações do Cotidiano (1995)

Grande Cantata de Natal

Gióia Júnior

Cantarei o Natal,
mas o Natal-acontecimento,
o Natal exato,
realidade confortadora e simples,
o Natal sem sonhos.

Não o Natal de Papai Noel,
de São Nicolau,
do trenó sobre a neve,
do buraco da fechadura,
da chaminé delgada e escura,
do farnel de brinquedos...
Não!

Esse, positivamente, não é o Natal,
esse é um Natal de mentira,
inventado por alguém sem imaginação.
Não e Não!
Postiço e falso é o natal dos brinquedos:
da árvore de bolas amarelas, verdes,
vermelhas, azuis, prateadas, douradas,
espelhando rostos alegres,
alongando e diminuindo feições sorridentes,
natal dos sapatinhos sob a cama,
dos olhos marotos do menino rico,
dos olhos parados do menino pobre.

Natal dos brinquedos:
a bola de futebol novinha e cheirando a couro,
a boneca de porcelana
que fecha os olhos e tem vestidos ricos,
o aeromodelo, elegante e leve,
quebrando os copos da cristaleira,
os bibelôs do quarto,
aterrissando nas panelas da cozinha:
“Menino, vá para o quintal!”

Natal dos embrulhos que guardam mistérios,
embrulhos de sonhos, de risos, de vida,
natal dos olhos curiosos.
A árvore verde
tem loucas vertigens e visões fantásticas:
veste de algodão
e debruns e estrelas
e lâmpadas coloridas,
que riem o risinho do pisca-pisca:
“apagou... acendeu... apagou... acendeu...”
Não! esse, na verdade, não é o Natal!

... E o presépio animado
do trenzinho correndo nos trilhos sinuosos:
“entrou no túnel comprido,
saiu da ponte, desceu a serra;
um operário malha a bigorna
ritmadamente;
os animais movem a cabeça.”
Não! Esse não é o Natal!

... E a mesa farta:
leitões assados com rodelas de limão
sobre o corpo tostadinho,
o peru recheado,
de peito aureolado em farofa cor de ouro,
os frangos,
as frutas, as passas,
as ameixas pretas,
as tâmaras morenas,
avelãs, nozes, castanhas...
bebidas, bebidas, bebidas
escorrendo, gotejando, geladas, loiras, espumantes.
Não! Esse é o natal-glutoneria!

Natal injusto é esse,
que divide castas
e separa classes
e alegra os ricos
e esmaga os pobres...
Maldito seja o natal que os homens inventaram
para que a mãe pobre o celebrasse chorando,
resistindo aos apelos:
- "Eu quero uma boneca!"
e às perguntas:
- "Papai Noel não vem?"
e às queixas:
- "Eu tenho fome! EU TENHO FOME!"

Maldito seja o natal-privilégio dos ricos,
que se mostram generosos
e distribuem migalhas aos pobres,
para comprar, com esse gesto, um terreno no céu:
um belo terreno de esquina,
com muitos metros quadrados,
em avenida principal.
Já disse e repito:
maldito seja esse falso natal,
esse mesquinho natal,
esse corrompido natal!

... E o natal-cumprimento:
telegramas urbanos,
parabéns, felicitações,
carta aérea, leve e curta,
bilhete escrito às pressas,
frase oca e vazia
bordada num cartão postal?
- Esse é o natal-hipocrisia
e está longe de ser o perfeito Natal!
Natal é muito mais:
é visão, esperança, certeza, humildade,
pastores, madrugada, estrebaria,
e José e Jesus e Maria,
e bondade
e alegria!

Cantarei o Natal!
"Dormem no campo os pastores,

os que tangem rebanhos sonhando.
Dormi, pastores, que a noite é um lírio
perfumado e eterno, branco e silencioso,
dormi como justos,
como crianças travessas,
um sono leve e escuro, macio e indevassável,
deixai que a terra úmida
aconchegue vossos corpos.

Despertareis em sonhos,
despertos sonhareis a visão almejada.
Abrem-se os céus como sulcos oceânicos
e embriagadora música emoldura a paisagem;
despertam figuras,
são anjos de largas e leves e rosadas asas,
brancas e celestes asas de pássaros gigantescos.
Despertai, homens do povo!
Humildes pastores das campinas verdes, despertai!
Anjos inquietos, suaves e claros
cantam em coro
o que ouvidos humanos jamais ouvirão...
escutai, pastores!
e guardai o cântico!

Guardai-o, para que se não dilua,
guardai-o, para que ainda o ouçamos
e dele falemos pelos séculos dos séculos. Amém.

Glória a Deus nas alturas!

Glória
a Deus nas alturas!
Repitam os campos e os astros e as sombras
e a noite, nas trevas que se movem vagarosas,
e a terra, quente, laboriosa e humana:
Glória a Deus nas alturas!
E as muitas águas,
e as pedras escuras, lascadas, fendidas,
suspensas no abismo como gesto atrevido,
e as folhas verdes bailando e sorrindo
como dedos de criança
e o capim cheiroso que as ovelhas comem
e as sinuosas vertentes transparentes e ágeis,
repeti o coro que os anjos ensinam:
Glória a Deus nas alturas
e Paz na terra aos homens de boa vontade!

Paz na terra!
Apesar das bombas e dos acordos diplomáticos,
apesar do nevoeiro denso
que esconde navios compridos, cinzentos e armados,
apesar do ronco dos aviões a jato,
dos estampidos supersônicos,
dos campos de concentração
onde os velhos mordiscam a morte
e os moços já não existem,
apesar das bandeiras,
das muitas bandeiras nervosas e bailarinas,
das inquietas bandeiras de asas mutiladas,
apesar da vingança e da conquista,
dos aleijados, dos órfãos, das viúvas,

apesar dos cadáveres sem túmulo,
expostos e pisados,
apesar da insânia,
das fronteiras,
do ódio velado, do profundo ódio
dos que foram derrubados mas não se perturbam,
apesar das experiências atômicas,
PAZ na Terra!
Paz na terra aos homens de boa vontade!
Eis o Natal, criaturas,
vinde bebê-lo sem o auxílio de vasilhas e potes de barro
dos muitos países,
vinde bebê-lo com as mãos em concha,
como quem se salva!

Vem de longe os magos:
são silhuetas
que os raios da estrela,
que os fios dourados da Estrela do Oriente
puxam, fazem andar, fazem parar, ensinam...
Vem de longe os magos,
para a fonte da água...

...Ouço vozes longínquas,
vozes ciclópicas abafadas pela distancia,
mas nítidas, definidas, exatas,
são vozes proféticas anunciando o tempo:
Isaías, Jeremias, Davi...
essas vozes completam o Natal,
definem e traduzem o Natal perfeito,

ouço vozes que cantam num coro harmonioso,
não há dissonâncias, nenhuma sequer.

O menino dorme
embalado pela estrela.
José medita,
Maria sorri...
sorri pelos olhos, pela boca, pelo corpo,
acariciada por essa alegria repousante
que é ser mãe.
Os magos estão curvados,
numa atitude obediente;
chegaram de muito longe,
para viver o Natal!
Os pastores cantam, os pássaros deslizam,
não há nada morto,
tudo é vida abundante,
eis o Natal!

Cantarei o Natal!
Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens!
Ecoe meu cântico pelas cercanias indevassáveis,
inunde os templos como VENDAVAL impetuoso,
aqueça choupanas de famílias pobres,
alimente pobres,
acenda nos olhos do menino triste
o suave brilho da esperança presente,
alimente pobres com o pão macio,
branco e generoso, perfumado e quente.

Sacuda cidades o meu puro cântico
e destrua planos de vingança e ódio.
Proclame o saltério,
respondam as cordas, confirmem os arcos,
com maviosas vozes, doces, sussurrantes,
gritem as trombetas,
chorem as mulheres,
repitam os homens,
cantem as crianças...

O Natal é isto:
um misto de luzes e vidas, um misto
de perdão e calma...
mas calma profunda que nos satisfaz.
O Natal de Cristo
é o cântico eterno da perfeita Paz...
da Paz verdadeira, da paz-humildade,
dessa Paz sincera proclamada aos homens
de boa vontade:

PAZ NA TERRA AOS HOMENS
DE BOA VONTADE!

Do livro 25 Anos de Gióia Júnior (1976)

Cântico da Estrela de Belém

Gióia Júnior

Eu vi o menino,
- estrelas irmãs –
estava dormindo,
ai, ele era lindo
e tão pequenino!

Eu vi como quis,
- estrelas irmãs –
ai! ele sorria
e a meiga Maria
era tão feliz!

Ensinei a rota,
- estrelas irmãs –
aos Magos contentes
trazendo presentes
de plaga remota!

Os que apascentavam
- estrelas irmãs –
viram delirantes
meus olhos brilhantes
que não se apagavam!

Vede minha luz,
- estrelas irmãs –
a minha vontade
é que a humanidade
possa ver Jesus!

Eu vi o menino
- estrelas irmãs –

estava dormindo,
ai! ele era lindo
e tão pequenino!

Do livro Jesus, Alegria dos Homens (1976)

Daria Glaucia (1931 -)

O Eterno Natal

Daria Glaucia

Abro o LIVRO, vovó, aquele livro
que você lia com ternura infinda,
e na mesma ansiedade de criança,
releio a velha história do Natal...
e lenta, lentamente, vovozinha,
as páginas virando, vou sentindo
de longa antiguidade, muito além,
um perfume sutil, que vem surgindo
das campinas floridas de Belém...
E sobe, pelo ar, suavemente
perdida na distância das alturas,
um murmúrio de vozes, vozes d'anjos
rasgando a espessa paz dessas planuras.
E, do fundo da noite constelada
vejo surgir — doce visão de luz,
a lâmpada de Deus — estrela linda
pra clarear a choça de Jesus!

Agora, vovozinha, o livro fecho,
mas vejo o mundo — livro colossal,
as velhas folhas denegridas, sujas
da poeira das guerras e do mal,
por séculos esparsas
como levadas por um vendaval!
Mas eu tenho, vovó, tenho esperança,
com a mesma fé dos tempos infantis,
que o mundo inda será um livro novo,
todinho de gravuras
e paisagens de rútilo matiz.
E trago ao coração uma certeza

que atravessou comigo toda a infância,
pura e sem igual:
— Um dia a divina criança de Belém
pequena se fará mais uma vez,
para caber em cada coração...
E na luz infantil da estrela santa
levaremos n'alma esta alegria,
quais sininhos da noite festival;
e, no mundo de Deus, linda, tão linda,
será eterna festa de NATAL!

In O Jornal Batista #52 – Dez 1947

Súplica do Natal

Daria Gláucia

Senhor,
chega o Natal, o mês das coisas lindas,
bailam em muitos olhos alegrias infindas,
em muitas bocas brinca um riso de amor.
O sertão refloresce às chuvas milagrosas,
o campo fica cheio de relvas e de rosas,
e o mundo amanhece ao teu Natal, Senhor!

Então,
eu resolvi pedir-te alguma coisa
pois que todos te pedem no Natal!

Mas eu não quero um monte de brinquedos;
bonecas, carros, bolas e petecas,
balas, apitos, livros, caramelos,
piões, carrinhos e polichinelos
para as crianças da rua, que vêm olhar
a festa do Natal.
Para que a ilusão de um presente de festas,
se elas vão sofrer uma fome anual?

Não darei uma bola ao guri da favela,
uma boneca à garota da casa sem janela,
nem um livro, sequer,
ao menino aleijado que mora num porão.
Eles se vão cansar de um único brinquedo
e uma hora de alegria, não vale todo o medo,
todo o medo da vida que têm no coração!

Quero que Tu me dês um montão de esperanças,
assim repartirei com as crianças
crianças tristes que não veem o sol

e não têm campo verde onde brincar...
Quero também milhares de sapatos
pra calçar os meninos que, no asfalto
se vão caminho à Escola a correr e pular!

Quero também carradas de alegria,
pra dividi-la em muitas mil porções,
com os meninos de tantas, tantas terras,
meninos tristes que já viram guerras,
sofreram fomes e desolações!

Gostaria levar a segurança
de uma vida mais rica de bonança
aos meninos doentes do sertão;
que tivessem remédios, e o conforto
de descansar o corpo semi-morto
numa caminha de colchão!

Quero vê-los felizes e seguros,
e, através das lentes do futuro
que eles espiam sem se importar,
divisassem um mundo sem rancores
e uma estrada com poucos dissabores
onde fossem a cantar!

Atende a minha prece e manda à terra imensa
uma chuva de amor, que ressuscite a crença
à pobre humanidade que Te esqueceu...
Para que subam hinos alegres e festivos,
e muitos corações transformados e vivos,
sintam que o mundo é belo,
PORQUE JESUS NASCEU!

In O Jornal Batista #51 – Dez 1951

Cancioneiro do Natal

(De uma antiga lenda)

Daria Gláucia

Não canto, Infante, a oferta rica
De Belchior ou de Gaspar
A mirra, o incenso, o ouro puro
Do potentado Baltazar.

Canto a oferta de outro homem
O que não pôde se ajoelhar
Junto ao presépio de Belém
Para ali mesmo te adorar...

De Artaban, o quarto mago
A história aqui eu vou contar:

Era o deserto infindo e branco
E a noite estrelada e só
E assim seguia a caravana
Toda coberta de ouro e pó.

Ele levava ao Rei distante
Que a estrela um dia revelou
Só três formosas brancas pérolas
Que do tesouro separou.

Mas no caminho em que seguia
Com pressa e até sofreguidão
Encontra um pobre homem enfermo
Que semimorto rola ao chão.

E do ferido que gemia
Tão grande pena que sentiu
Que uma pérola deu a alguém que dele

Zelasse e, assim, em paz seguiu.

Mas Artaban chegara tarde
A caravana levantara...
- É que o ferido em mais de um dia
Sua viagem atrasara.

E o deserto infindo e branco
E a noite estrelada e só
E assim seguia a caravana
Toda coberta de ouro e pó.

Empós da bela clara estrela
Que aparecera em noite além
Vai Artaban, o quarto mago
Caminho à aldeia de Belém.

Vozes de dor e de agonia
Como a varrer o pó da estrada:
Raquel chorando os seus filhinhos
E sem querer ser consolada.

Lá numa porta entreaberta
De pobre casa, entra a ver:
- Senhor, silêncio – pede a mãe.
Que meu filhinho vai morrer.

Pois de Herodes os soldados
Na ponta das espadas nuas
Traziam morte e miséria
E o silêncio pelas ruas.

Quando, ao soldado que chegava
Brandindo a arma enfurecida:
- Deixai viver esse menino
E sereis rico toda a vida.

Ante uma joia tão perfeita
Que cobiçoso ele adora
O oficial deixa a criança
E bem contente foi-se embora.

- Onde acharei esse Menino
A luz, o Rei, a eterna Infância?
Já se apagou no céu a estrela
Que eu segui em amor e ânsia.

Debalde vai atrás do Cristo
Por toda a terra da Judéia,
Por vales, serras e desertos,
Pela província da Iduméia.

Decápolis e em Samaria
Ou em a bela Galiléia,
Em vão procura o Prometido
Com a louca fúria de uma ideia.

E sem pousada passam os anos,
Pois dos palácios à choupana
Desesperado, envelhecido
E bem minguada a caravana;

Pensa em voltar a sua terra
Sem nunca achar o Deus Menino.
E chega a Jerusalém
Ponto final do seu destino,

Para encontrar, em dor partido
Ódio, pesar e ingratidão,
O povo aos gritos, arquejante
Rumo a lugar de maldição.

E pés feridos pelas lajes
Embora houvesse pouca luz
O mago vê, horrorizado,
O vulto negro de uma cruz.

Quando, levada em mãos cruéis
Mui linda moça em pavor,
Grita aos seus pés, desesperada:
- A mim, resgata-me, Senhor.

Olha Artaban que lhe restava:
Única pérola transparente.
Se encontrar ainda o Rei
Que lhe darei como presente?

Mas triunfou a compaixão
Ante o sofrer dessa cativa
E entrega ao amo, em seu resgate
A derradeira oferta viva.

Entre os soluços das mulheres
E o vozerio dos judeus
Abismos logo se fenderam
E era a treva a voz de Deus.

Quando Artaban atordoado
Exangue, cobra o seu sentido
Encontra ali na cruz cravado
Quase a morrer, o Prometido.

Perdoa, Cristo, nada tenho
Senão as velhas mãos vazias.
Perdi o ensejo de encontrar-te
De ti não soube o que fazias.

Agora nada... pobre e roto

Já esbanjei o que daria
Como oferenda, ao nasceres
Naquela tosca estrebaria.

Então lhe diz em voz suave,
O que nasceu naquela noite
E ali morria abandonado
Sob o destino, como açoite:

Doente e triste visitaste
A minha funda solidão
E em tua carne, bem pagaste
O alto preço do perdão.

Quando sedento, tu me deste
Com água a tua simpatia,
E tão faminto e carecente
Tua bondade me envolvia;

Rasgado eu, tu me viestes
E a solidão se me abrandou
Pela palavra branda e doce
Que teu amor pronunciou;

Em cativeiro, tanta pena
Compreensão, pesar e dó
Ó Artaban, como soubeste
Sentir a dor do homem só?

Pois volta em paz aos teus lugares
Leve a consciência. Em paz enfim
Que as três pérolas que trouxeste
As tive todas para mim.

E vai com Deus. Nunca foi vã
Tua procura triunfal,

Pois que encarnaste em tua oferta
Toda a beleza do Natal.

in O Jornal Batista #51 – Dez 1961

Joanyr de Oliveira (1933 – 2009)

Natal Antinatal

Joanyr de Oliveira

Fartas mesas abrem na noite
vozes como águas.
O vinho cultua o seu deus.
Confraternizam-se os ventres
com as bocas vorazes.

As ruas conduzem os homens
à triste acolhida
dos ídolos oclusos
para os rituais velhíssimos
de cinza e areia.

O Senhor do Natal
acaricia o silêncio
dos deserdados da Terra.
Tudo o mais deságua
nas sombras de dezembro.

Do livro Antologia da Nova Poesia Evangélica (1978)

Oração no Natal

Joanyr de Oliveira

Meu Deus, espero por um Natal
sem ósseos meninos no chão.
Um Natal sem o pesadelo
oposto à bela fragilidade
de Jesus, o Nazareno,
nos braços do Carpinteiro.
Cansado de noites, Deus meu,
convoco o teu rosto sem mácula
para apagar com um relâmpago
os opressores da Terra.

Meu Deus, fiz-me alvo insone
dos gemidos alheios.
(Para isto me chamaste.
E para açoitar o cinismo
e o fervor dos fariseus.)
Não me bastam os cânticos
nascidos de teu olhar,
de teu manto alvíssimo,
de tuas doces palavras.

Mãos podres, longas e malignas
governam as nações,
por isso os frágeis desfilam
e soluçam. Por isso
o pão secou antes da mesa
e criancinhas descem
pelas gargantas da Morte.

É Natal, e cumpre cantar.
Teus méritos esperam
pelo regozijo dos meus

maduros acordes.
Por isso, afasta de mim
o cálice dos homens maus
com seus laços cruéis,
seus códigos de lama,
seus impérios de injustiça.

E eu te louvarei, meu Deus,
sem escuros intervalos
de espantos e lágrimas.
E eu te louvarei, meu Deus,
e eu te louvarei ainda mais.

Do livro Canção ao Filho do Homem (1998)

Uma vez que é dezembro

Joanyr de Oliveira

Uma vez que é dezembro,
as armas deitarão seus tentáculos
nas esteiras do sono.
Gentileza em cada metralha
e no olhar dos calibres,
tecendo os simulacros da paz.
Nas covas, nas retaguardas,
nas luas despidas de esperança,
pousará tênue sopro de luz.
(Uma vez que é dezembro.)

Uma vez que é dezembro
usurários confraternizarão
hedonistas insones –
mas neles descerão súbito
fragmentos de preces.
Órfãos sorrindo por um dia,
e o seu legado de ausências
abrirá um hiato nas trevas
para embalar o Menino.
(Uma vez que é dezembro.)

Uma vez que é dezembro,
fundos olhos retornarão
dos trapézios da Morte.
Os acordes floridos
beijam sonhos infantes.
Através do silêncio,
haurindo as veredas do Eterno.
Ante os pétreos, uns fluem
lábios doces de amor.
(Uma vez que é dezembro.)

Uma vez que é dezembro,
as pulsantes vitrinas
ofuscam as cores dos céus.
Mas dos rostos mais puros
nascem preces altíssimas.
As noites se envergonharão
de seus guantes antigos,
como os templos exangues
da aridez de seus hinos.
(Uma vez que é dezembro.)

Do livro Canção ao Filho do Homem (1998)

A estrela

Joanyr de Oliveira

A estrela macia vai flutuando
na vereda do céu, sobre o Oriente.
(Suas pontas de luz cantam na Altura,
seguem beijando a Terra.)
Vai de longe, do fundo do Universo,
rumo à vera humildade de Belém.

A estrela executa o seu ofício
de nobreza sem par,
afagando o bercinho improvisado
onde o bom Criador fez-se criatura.
Um corpo se constrói para o martírio
prestes a desabar sobre o madeiro.

A estrela se limita ao puro e excelso
que envolve o divo rosto do menino.
Ela não tem olhar nem pensamento
para o cantar do galo contra Pedro,
para o pesado sono dos discípulos,
para o vindouro sangue no Calvário.

A estrela só conhece a calma fronte
e o riso iluminado do pequeno
de amor inalcançável,
maior que o infinito,
pronto a envolver o coração escuro
na mais soturna vila deste mundo.

A estrela pisca alegre
e reflete o amor do Deus-menino.
Quanta ternura alcança o seu mister,
enquanto a Luz, no mundo acorrentado

na transgressão, atravessa o silêncio
e os abismos da Morte.

A estrela sussurra, amiga e leda,
maduros vaticínios de Isaías,
anúncios joaninos no deserto.
E Cristo a emergir de um manto infindo,
da manjedoura abençoa os que na Terra
a sede afogarão na Fonte Eterna.

Do livro Canção ao Filho do Homem (1998)

Myrtes Mathias (1933 – 1996)

O Grande Presente

Myrtes Mathias

"… porque um menino se nos deu."

Senhor,
Lembro-me daquela noite em Belém quando chegaste,
Frágil criança envolta em panos
Nem um sapatinho de lã
Nem mesmo uma camisolinha sem mangas
Santo exemplo
Sagrado mistério
Doce milagre
Toda a Onipotência
Toda a Eternidade
Aprisionadas num corpo de criança
De uma criança envolta em panos
E hoje, quem não tem vinho?
Não tem castanha?
Não tem Natal?!
O que foi feito do Grande Presente?
No teu Natal, Senhor
Ensina-me a palavra certa
Para repeti-la aos homens cansados
Às mulheres tristes,
Às crianças sem amor.
Leva-me aos hospitais,
Para dizer que tens nas mãos a maior das cicatrizes,
Porque é a ferida de toda a humanidade;
Às mulheres sem nome, para dizer que não as condenas;
Aos encarcerado, para dizer que és o Grande advogado;
Aos pobres, para dizer e proclamar que nasceste em uma estrebaria.
É teu Natal! Criança de Belém!

É teu Natal!
Que haja um sorriso em cada face,
Um brilho em cada olhar
Porque a todos foi oferecido o Grande Presente,
O Supremo Presente,
Que és tu mesmo, nascendo em cada coração!

Do livro Poemas para meu Senhor (1967)

Se Tu Chegasses Hoje...

Myrtes Mathias

Se chegasses hoje, Senhor,
o rádio, a TV, os jornais anunciariam:
- Atenção, senhores, numa aldeia do
Oriente Médio, acaba de nascer um Menino
que, dizem, mudará o destino do mundo.
Afirma-se que ali deitado no seu berço
Ele fará mais pela paz
do que todas as decisões da ONU.
Imediatamente, as agências de viagem
aproveitariam a motivação para novos roteiros.
Aviões, transatlânticos e iates
para lá seguiriam levando uma multidão
de curiosos.
Repórteres e técnicos em publicidade
entrariam em ação.

Penso que voltariam desapontados
ao descobrirem que o famoso personagem
não passava de um Menino pobre
deitado num berço pobre,
de uma casa pobre, numa rua pobre
do subúrbio proletário.
Os poucos crentes que lá insistissem
em ficar, certamente seriam rotulados
de crédulos e supersticiosos.
E assim, para evitar as críticas,
a notícia cairia no esquecimento,
ofuscada pelo impacto de mais uma viagem
ao cosmos, uma declaração de guerra,
uma descoberta científica, um sequestro,
um estrondoso acontecimento social.

Mais uma vez a história se repetiria:
a Alegria dos homens chegaria, cresceria,
partiria, quase em silêncio,
sem reconhecimento e sem ostentação.
Feliz ainda serias se não Te chamassem impostor,
se não Te perseguissem como subversivo,
dando-Te o destino de um traidor.

É possível que algum poeta-compositor
aproveitasse Tua história para uma canção,
que se tornaria primeiro lugar
nas paradas de sucesso;
enquanto lá ficarias no esquecimento,
sem direitos autorais, sem reconhecimento,
uma angústia cruel a rasgar-Te a alma,
num processo de adaptação tão difícil
que Te custaria a vida, sem a necessidade
de uma segunda cruz.

- A adaptação ou a morte.
(Te diria o mundo)
Vai-Te com Teus métodos de promover a paz.
Fora com Teus princípios covardes
de apanhar numa face e oferecer a outra.
Para que caminharmos duas milhas
quando podemos fazer milhares delas
num meio de transporte mais veloz que o som?
Vai-Te que já somos capazes de tudo produzir
num laboratório.
Não precisamos dos Teus milagres.
Aliás, para sermos francos,
não acreditamos neles.
Até achamos que, para exemplo de muitos,
devíamos cassar-Te os direitos
por exercício ilegal da medicina.
Em que faculdade estudaste

para aceitares causas a julgar?
Onde estão Teus documentos?
Precisamos constatar se Tua mansidão
não passa de um meio para propósitos
obscuros e perigosos...

Se Tu viesses hoje, Senhor
qual seria a recepção e a receptividade
nesta sociedade, mais que nunca,
de dois pesos e duas medidas?
Neste século de máquinas, papel,
velocidade, transformações súbitas,
como seria recebida Tua mensagem de amor e poesia?

Receio que lá Te iriam ver
uns poucos operários de macacão
e alma simples,
prontos a aceitarem uma promessa,
um aceno de esperança.

Estou certa, também, de que lá iriam
muitas crianças com presentinhos
envoltos com papel colorido,
porque elas, Senhor, continuam as mesmas,
cheias de confiança, prontas a aceitar.
Provavelmente, alguns cansados e desiludidos,
sonhadores e ambiciosos,
em busca de um líder diferente.

Mas a maioria, Senhor, a maioria
estaria muito preocupada com
seus próprios problemas,
suas agendas sobrecarregadas,
suas verbas esgotadas,
seus interesses pessoais em primeiro plano.

Ai de Ti.
Receio bem que ficarias só
no Teu berço humilde, na Tua casa pobre,
numa rua pobre do subúrbio proletário.

Perdão, Senhor, se no Teu dia,
trago-Te apenas pessimismo mesclado
de esperança,
mas vendo tantos que caminham para a morte,
sem que lhes possa transformar a sorte
só me resta importunar-Te, querida Criança.

É que nestes dias em festa, Senhor,
mais do que nunca, minha alma sofre
a angústia da limitação.
Tu bem sabes, já To disse no Natal passado,
eu queria, Senhor, um mundo de irmãos.

Enquanto isto não se fizer realidade,
enquanto houver tanta desigualdade,
tanta indiferença e falta de amor,
meu canto será um grito de protesto:
a poesia é tudo que me resta
como arma e sublimação, Senhor.

Por isso, ainda uma vez Te peço:
escreve, hoje, em cada coração,
o hino que os anjos cantaram
no Teu advento:
- Glória ao Pai que está no céu,
e aos homens, que estão na terra,
paz, esperança, união.

In O Jornal Batista #51 – Dez 1974

Um lugar para Deus

Myrtes Mathias

Desce a noite sobre a terra
Bela e triste, quase irreal!
Bela demais em seu sublime encanto,
Triste demais para nascer um santo:
Nela nasce Deus no primeiro Natal.

À ordem de César, Belém regurgita,
Anima a cidade o decreto real.
Cheia demais está a hospedaria,
À virgem cansada, resta a estrebaria:
Nela nasce Deus no primeiro Natal.

Pastores que velam na escura montanha,
Ouvindo a nova do coro angelical,
Deixam o rebanho, em busca da luz,
Primeiros crentes, vão ver Jesus:
Adoram a Deus no primeiro Natal.

Sábios, à espera do doce milagre,
Reconhecendo a estrela divinal,
Deixam o Oriente, trazendo um tesouro,
Simbólica oferta – mirra, incenso e ouro:
Presentes para Deus no primeiro Natal.

Não maldigas tua sorte incerta,
Não tornes vã a noite sem igual.
Que importa Jesus ter nascido,
Que importa Ele ter sofrido,

Se Ele não nascer em ti neste Natal?

Aceita a história simples da estrebaria,
A estrela linda, o coro angelical.
Não faças do coração hospedaria,
Onde lugar prá Cristo havia.
Dá lugar a Deus neste Natal!

In Revista Vida Cristã (Out-Dez 1998)

Confissão de Natal

Myrtes Mathias

Senhor,
tão absorvida estive
em cuidar daqueles que me entregaste,
que me esqueci de preparar o Teu
presente de aniversário.

Agora, aqui estou, as mãos vazias,
calosidades e manchas,
indeléveis algumas.
Os sofrimentos dos que colocaste em meu caminho
atingiram-me,
marcaram-me,
fizeram-me sofrer.

Dei-lhes meu tempo,
minha força,
meus bens e meu amor.

Mas, agora, Senhor, quando o mundo Te vê
pequeno e dependente no presépio de Belém,
sinto, também, um grande desejo de trazer-Te
um presente.

Sinto-me como no tempo de criança
quando mamãe e papai faziam anos:
triste e alegre.
Alegre por ser dia de festa,
triste porque nada possuía além
de algumas moedas de metal
no pequeno cofre de madeira,
e, então, eu não podia transformar
em algo concreto o meu amor.

E, agora, no Teu dia, Senhor,
nem mesmo resta o velho cofre.
Apenas esta vontade de te agradar,
de dizer que Te amo,
de pedir perdão
pelas mãos vazias.

Se ao menos pudesse trazer-Te
todos os sorrisos que vi nascer;
todas as lágrimas que desapareceram
de rostos cansados
porque ouviram falar de Ti;
todas as flores que recebi
porque estava executando uma ordem Tua...
Mas, não.
Estas pequenas preciosidades transformaram-se
em saudade e gratidão.
E sentimentos não podem ser trazidos
em caixa de presente,
amarrada com cordões coloridos.

Por isso é que, no teu dia de festa,
duas mãos cansadas se erguem
para pedir que as encha de novas bênçãos
e que lhes dês novas oportunidades de servir.

Pois já que nada tenho para oferecer-Te,
quero sair outra vez proclamando Teu poder
e Tua bondade.

Quero ser aquela que leva o recado,
que executa tarefas humildes,
que procura retribuir com trabalho servil
a bênção de ser admitida
entre aqueles que seguem a Deus.

In O Jornal Batista #51 – Dez 1969

Quando o Verbo se Fez Carne

Myrtes Mathias

No princípio era a Palavra
e o Poder Criador.

No princípio o Pai decidiu
enviá-lO ao mundo.

O plano se desenvolveu,
profetas vieram e anunciaram
artistas cantaram,
o mundo esperou
e na plenitude do tempo,
porque Deus amou,
Ele deixou a glória,
esvaziou-se,
tomou a forma da imagem caída,
corrompida,
num sublime esforço de reparação.

"Veio para o que era seu
e não O receberam
porque Ele era a Luz"
e as trevas que envolviam a terra
nada entendiam da graça e da verdade
que Ele veio encarnar.

Não adiantou o canto dos anjos,
o brilho da estrela.
A estrela não parou sobre um palácio,
os anjos voltaram para o céu,
Ele chegou sem traje real:
ninguém O recebeu.

Só O reconheceram alguns pobres
e alguns estrangeiros,
porque foi assim que Ele chegou:
pobre e estrangeiro,
falando uma linguagem estranha,
incompreensível para um mundo
acostumado a promessas falsas,
a um falso código de moral.

Foi assim que o Verbo se fez carne,
desconhecido e pobre no Natal.

Tudo "Porque Deus amou de tal maneira
o mundo..."
No princípio, antes do existir,
foste a Palavra, o Poder Criador.
Desceste tanto só pra me salvar,
mas como a Luz não deixa de brilhar
voltarás em glória, Bendito Senhor!

In O Jornal Batista #52 – Dez 1967

Um Natal de Mundo Inteiro

Myrtes Mathias

Perdão, Senhor, se foi tão simples
a festa que Te preparei.
Desculpa haver apenas uma estrela
como decoração.
Sonda meu coração e vê
porque
foi tudo tão simples assim
há uma certa nostalgia
neste dia, Senhor, dentro de mim.
Faltou-me coragem de gastar dinheiro
com pinheiros,
velas coloridas e ramos de azevinho,
quando lembrei os milhões que desconhecem Teu caminho,
para os quais o Natal não acorda qualquer emoção.
Não, Senhor, não posso gastar em ornamentação,
quando grande parte da humanidade
vai dormir com fome,
sonhando um pedaço de pão.
Meu canto não será inteiramente alegre
enquanto pensar nos milhões que ignoram
que trocaste o céu por um berço na estrebaria
para que os homens pudessem trocar, um dia,
a terra pelo céu.
Alegrar-me-ia, Senhor, um Natal de mundo inteiro,
guirlandas verdes de polo a polo,
do oriente ao ocidente,
uma grande faixa sobre o Equador,
onde a humanidade lesse numa festa
que jamais se acabaria:
Feliz Natal! Alegria, que a paz já reina na terra!
Um Natal que derrubasse cortinas de ferro e de bambu,
que fizesse tombar os muros da vergonha,

dos quais o mais inofensivo separa irmãos
da mesma raça.
Um Natal, onde Tua graça reinasse em cada alma,
abrindo todos os lábios,
em um cenário de festa, de mil lanternas acesas,
o universo transformado numa imensa catedral,
de onde aos céus chegasse,
em todas as línguas da terra
o Teu hino de Natal.
Não, não é um sonho modesto,
Senhor, meu Deus, Teu perdão.
Tu que vês o coração
sabes que se peço tanto a Ti
que tanto já deste,
quando à terra desceste,
plantando uma nova estrela no Teu jardim
lá do céu,
é porque desejo um mundo,
onde os homens esquecidos das guerras,
dos preconceitos,
já na terra desfrutassem as glórias do reino Teu.
Por isso, Senhor Menino,
fiz Teu Natal tão modesto, quase sem decoração:
em nome deste Natal que abrace o mundo inteiro,
Senhor, gastei o dinheiro
sustentando outras vidas
que em regiões perdidas
aonde não Te conhecem foram levar o Natal.
Talvez seja muito pouco,
mas, Senhor, é um passo dado no ideal
de atingir uma festa universal,
com toda a gente da terra
cantando de um polo ao outro,
em mil línguas e dialetos:
Tudo é paz! Feliz Natal!

In O Jornal Batista #51 – Dez 1971

Meu Lindo Presente de Natal

Myrtes Mathias

Este ano, Senhor, eu venho Te agradecer
o meu lindo presente de Natal,
que chegou com antecipação.

Tu és o aniversariante,
mas eu é que recebi o presente
na forma de uma revelação.

Bem sei que a Verdade é eterna,
mas descobri-la é sempre um milagre.

Esta chegou-me num diálogo simples de criança:
- Por que será que Deus nos ama tanto?
- Ora, "porque Ele só tem um de cada um de nós."

Simples. Tão simples como as tuas coisas grandes.
No entanto, ela entrou em meu coração
como uma dádiva de amor,
como uma porta aberta para o céu.

Como é doce pensar, Senhor,
que na tua preciosa coleção
não possuis mais que uma "eu".

São milhares de sábios, piedosos,
fortes, heróis,
ao lado de milhões de fracos, indoutos,
tímidos, inconsequentes,
mas cada um deles,
cada um de nós,
tem valor no mundo inteiro,
porque para beleza de Tua obra

não existe uma única duplicata
que possa ser trocada ou substituída.

Estou certa que se o Inimigo Te aparecesse,
como naquele distante dia no deserto da tentação,
para propor-Te:
- Tudo isto Te darei em troca
de um desses pequeninos seguidores teus –
Tu o expulsarias novamente.

Além disso, que pode ser mais doce,
entre a terra e o céu,
do que esta certeza de saber
que nem mesmo Tua onipotência
pode apagar de Tuas mãos marcadas
as letras do meu nome que nelas
estão gravadas com o sangue
que o Amor derramou e escreveu?

Aleluia, pois, Deus de minha alma,
pelos pardais que não caem sem permissão do Alto,
pelo lugar dos pequeninos no reino de teu Pai.

Por tudo isso, no Teu dia, eu me ajoelho
para agradecer o meu presente-revelação:
sou insubstituível no Teu plano,
única na tua preciosa coleção!

In O Jornal Batista #53 - Dez 1972

Ivan Espíndola de Ávila (1933 – 2006)

Saudades do Natal

Ivan Espíndola de Ávila

Não quero este Natal, das crianças tristonhas
que perambulam nas ruas da cidade grande,
fazendo propaganda da fome e do abandono.

Não quero este Natal, dos velhinhos tristes,
monumentos de saudade, nos caminhos da vida.
Viveram, somaram anos, décadas se acumularam,
e a vida os deixou sós, horrivelmente sós.
Seres marcados pelas cãs doridas.
Fazendo de um tempo que passou, na voragem de um sonho,
fugaz como a névoa que lhes prateou as frontes.
E a noite desceu, pesada, prolongada,
na solidão de caminhos, distantes do amanhecer.

Não quero este Natal, das cidades violentas,
cheias de muro e de grades, neurotizantes,
onde jovens, que poderiam sonhar, e viver,
fogem nas asas alucinadas da morte.

Não quero este Natal, de poucos que têm tanto,
dos muitos que não têm nada, na miséria que avilta.

Eu quero é o Natal do meigo Nazareno,
que aos homens ensinou como é doce amar...
O Natal de Belém, das santas esperanças,
que irmanam os homens, num poema de amor.
Quero, neste meu entardecer de mágoas,
ouvir dos anjos a canção de paz
que nos envolva a todos, e a todos nos lembre,
que apenas somos, em Belém, irmãos...

In Revista Vida Cristã (Out-Dez 1997)

Súplica de Natal

Ivan Espíndola de Ávila

Jesus querido, menino meigo de Belém,
eu te invoco inquieto, nesta manhã de sol.
Eu te bendigo, neste dia diferente dos outros dias,
neste dia que é teu,
porque hoje é Natal...
Hoje é dia de festa, em muitos lugares,
dia de presente, de abraços e sorrisos,
dia de o homem ser feliz.
Mas Jesus, escuta, não é bem assim...
Há tanta gente soluçando, nos caminhos da vida.
Há mães chorando filhos, que o pecado tragou.
E o mundo é triste, Senhor, é muito triste.
Mundo de cárceres e de sombras,
onde se misturam inocentes e culpados,
esperando o amanhã, que demora tanto.
De corações cansados, Senhor, partem gemidos fundos,
em noites que não têm fim.
Olha, Jesus, para os pequeninos, nas cidades grandes,
dormindo entre jornais, debaixo dos viadutos.
Senhor, a juventude inquieta, procurando algo,
apodrece nas orgias da treva, detestando a luz.
Multidões já não sabem mais sorrir...
e... e hoje é Natal, Senhor, é Natal!
É por esses pobres e tristes que eu te suplico.
ó Menino de Belém!
Olha para as dores, e consola.
Olha para as saudades, e minora,
tem compaixão de quem te implora.

Escuta, Senhor, escuta!
E neste Natal de festas, vou sorrir...
E neste Natal de festas vou agradecer...

Porque o menino de Belém me ouviu,

eu vou cantar:
Viva o Natal!
Feliz Natal!
Hoje é Natal!

Rosa Jurandir Braz (1935 -)

Noite Sublime, Noite de Mistérios

Rosa Jurandir Braz

"...Vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu filho, nascido de mulher..." **Gálatas 4.4**

Engalanam-se os anjos e descem
buquê de flores celestes,
formando no ar uma coroa de luz;
vêm rivalizar com os astros
fulgor e magnificência
que horizontais
e verticais
no céu descrevem uma cruz.

Depois, dão-se as mãos:
um anjo, uma estrela,
aos milhares de mil
e cantam em responso
a antiga ciranda
doce alegria infantil
que Deus ensinou a Jó.

Então, passam às profecias
as do profeta Isaías
que só as ovelhas ouvem:
" ...um menino nos nasceu,
um Filho se nos deu... "

Na amplidão da campina
que o céu inunda de luz
pastores de joelhos trêmulos
atendem à voz da estrela
e até esquecem as ovelhas.

Címbalos e harpas divinos
clarins, órgãos e violinos
se ouvem na imensidão.
Cada átomo segreda,
mistérios correm em rios:
é o cumprimento da Lei,
é o nascimento da Graça,
é a redenção dos gentios.

A plenitude dos tempos
na noite eflúvia chegou
no feno da estrebaria,
na friagem dos telhados,
na glória dos céus a flux,
na alegria de José,
no êxtase de Maria,
no doce olhar de Jesus.

Do livro Frutos Para o Meu Amado (1999)

Silvino Netto (1942 -)

Papai Noel Está Esclerosado?

Silvino Netto

Papai Noel,
você quase me levou à falência.
O décimo primeiro,
o décimo segundo
e o décimo terceiro salários,
você os levou todo sorridente.
E para dizer a verdade,
apesar de nossa velha amizade,
eu não concordo agora
com seu jeito
de fazer pressão comercial.
Para mim o Natal
é algo diferente...

Não pense que não gosto de dar
e de receber presente.
Não é isso.
É que você se comercializou
de tal maneira
que não há quem aguente.
De tanto passar pela chaminé,
você se industrializou
e poluiu o ar da noite de Natal,
a tal ponto que os homens
já não podem ver o brilho da estrela
e o coro angelical.

Você precisa converter-se,
Papai Noel.
Já pensou o bem que faria

à humanidade
se você canalizasse
sua simpatia,
seu poder de comunicação,
seu prestígio entre as crianças,
para apontar a Estrela aos homens
e levá-los à manjedoura de Belém?
O Natal seria mais gostoso,
diferente, inteligente...
A gente distribuiria
um quilo de amor para um,
uma caixa de perdão para outro,
um vidro cheinho de esperança,
uma cesta do fruto do Espírito...

Papai Noel,
para não perder o costume,
quero pedir-lhe uma coisa:
Tome juízo!
Você já tem bastante idade para isso.
Ou será que você está esclerosado?

Do livro Presente (1980)

Pérrima de Moraes Cláudio (1946 -)

Boas Novas

Pérrima de Moraes Cláudio

"E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria..." - Lucas 2.10

1
Houve na terra uma noite
de indizível beleza
qual nunca houve igual...
Foi quando nasceu Jesus,
em humilde estrebaria...
Foi a noite de Natal!

2
Guardando o seu rebanho,
estavam os pastores no campo
ali, ao redor de Belém.
Despertos e vigilantes,
naquele silêncio da noite
unidos estavam também.

3
Foi quando então de repente,
surgiu naquele momento
para eles naquele lugar,
um anjo vindo do céu,
trazendo as boas novas
que a todos veio alegrar.

4
- Nasceu o bom Salvador!
O Messias tão esperado.

Cristo, o nosso Senhor!
- Glória a Deus nas alturas!
- Paz na terra entre os homens!
Dos anjos, ouviram o louvor.

5
Saíram apressadamente
e acharam Maria, José
e o meigo Menino-Jesus.
Naquele lugar tão humilde,
onde foi o Seu primeiro abrigo,
Ele veio! Brilhou a Luz!

6
Veio Jesus a este mundo,
para a todos trazer
Boas novas de salvação.
Viveu pregando o amor,
uma dura cruz, enfrentou;
ressurgiu e nos dá o Seu perdão!

7
Deixe que Cristo te salve.
Busque a Sua Palavra.
A este amor, dê atenção.
Ele te espera sorrindo.
Deixe Ele hoje nascer,
dentro do teu coração!

João Tomaz Parreira (1947 -)

No Próximo Natal em Belém

J. T. Parreira

Que criança regressa agora
a Belém para nascer? Hoje,
há um avião que bate
nos arcanos do tempo,
um carro de combate que regula
a pontaria onde começa o homem, uma casa
fechada atrás de sulcos
na parede, há novelos farpados de arame
para enredar os pés, e as estrelas
procuram-se com olhos cabisbaixos.

Hoje que criança transgride
o recolher obrigatório?
E vem nascer em Belém
num leito onde deitam a boca
os animais
e o silêncio das línguas?

O Não Ter Senhor Começado uma Rua

J. T. Parreira

O não ter havido Senhor para ti
lugar na cidade, nas mãos
que deveriam ungir-te, até
lugar na voz que prometera
do fundo dos dias cantar-te

O não ter havido Senhor uma porta
uma casa cheia para receber-te
um espaço entre os peitos
de todas as mães, um olhar
onde morasses com ternura

O não ter Senhor começado uma rua
à espera do teu Nome
nem ainda hoje quando passas
Senhor no rosto de um homem
ou uma mulher feliz por te acolher.

Poesia de Natal

J.T. Parreira

Os anjos fariam um colar
de palavras do seu cântico

Se tivessem as ferramentas
dos homens e o fogo
fosforescente da forja
seriam as palavras anéis
de prata enfileiradas

Anjos tangendo os lábios
no mais puro hino branco
seus sorrisos soltando-se
das estrelas e nas pedras
os anjos caminhariam
sobre asas.

Poema de Natal

J.T. Parreira

No átrio do mundo
no fim do silêncio
uma casa em ruínas assomada do breu

Em corpos erguidos do sono
os pastores
tudo suspenso da clara resposta do Céu
ainda os magos no bojo
de um astro subiram
no silêncio da cor a rota dos céus

- demandavam no átrio do mundo
numa casa em ruínas
a Imagem-menina de Deus.

Do livro Este Rosto do Exílio (1973)

De Passagem

J. T. Parreira

Traziam os olhos postos
Nos astros, no rosto
Do céu antigo.
Vinham com a certeza
Das crianças na noite de Natal.

Para encontrar um brilho
Nos olhos da mãe, um corpo
Masculino, adormecido.
Traziam a ilustração da viagem
E dos países onde começa o dia,
A língua, uma estrela no ouvido.

Chegaram e foram
Abrindo entre o frio e a palha
Do estábulo, os imponderáveis
Presentes para a glória
Do Menino.

Construção do Natal

J.T. Parreira

Menino e Emanuel
Fremes o sono dos homens
Joanyr de Oliveira

Nasceu entre ruínas natais
e dir-se-ia como nasce
simplesmente a língua
a boca, a carne viva
Nasceu despertando o burgo
nasceu acompanhando a luz
nasceu e a música era pura
fase de fogo e tumulto
Nasceu derramando-se no burgo
nasceu sendo o que antes: luz
nasceu e a música era para
fazer de vigílias o futuro
Nasceu aumentando o burgo
nasceu de matéria, flácida
nasceu a um chão de gado
recolhe seu corpo avulso
Nasceu entre línguas natais
e dir-se-ia como nasce
simplesmente a luz
toda íntima, despida
E nasceu despertando a música
na pele externa do burgo
nasceu e a luz era pedrada
nos terraços, porque brusca.

Do livro Antologia da Nova Poesia Evangélica (1978)

Eliúde Marques (1948 -)

Pousada para Jesus

Eliúde Marques

José, Maria, o presente,
e o Futuro pra chegar,
o sol se vai de repente
vindo a noite os encontrar.

A procura é incessante
em busca de uma estalagem,
aonde repousem os viajantes
da enfadonha viagem.

Os albergues estão cheios
e os mais humildes recantos,
de tantos povos alheios
que ali nasceria um Santo.

Não há lugar – diz José,
(cuja voz não se traduz) –
aonde, pois, há de nascer
o nosso filho Jesus?

Mas a lembrança lhes chega...
Já foi dito em profecia
que Ele havia de nascer
numa humilde estrebaria.
.....

Que Jesus da manjedoura
que nasceu sem ter pousada,
possa no teu coração
encontrar feliz morada.

Do livro Luzes do Arrebol (1998)

Estrelas do Natal
(acróstico)

Eliúde Marques

Elas nasceram brilhando,
Sorrindo no firmamento,
Trazendo muita alegria,
Riquezas ao pensamento.
Lá no alto em plena luz
Avisando aos Reis Magos
Santa noite de Jesus.

Deixando na manjedoura
O rastro de brilho e cor,

No berço a criança loura,
A bênção do puro amor,
Transmitido para o mundo
Através daquela Luz,
Latente em Cristo Jesus!

Do livro Luzes do Arrebol (1998)

A Caminho de Belém

Eliúde Marques

Foi numa noite feliz, o céu aurifulgente
que os pastores seguiram pelos campos silentes.
Nebulosas e estrelas enchiam de estranha luz
o espaço calmo e puro para antever Jesus.

Cansados das escarpas pastando seus rebanhos
vinham esperançosos como que distantes sonhos
vissem afinal concretizados.
E era fragrância de amor o perfume dos prados.

Manhã esplendorosa, fria e calma manhã
em que os pastores seguiram ansiosos em afã
de ver o Prometido, o Príncipe da paz
nascido na humildade sob o olhar de José,
o Cristo abençoado, trazendo ao mundo a fé.

E eles a comentar nas campinas seguiam
e em cada campo em flor a vida lhes sorria.
Nasceu nosso Messias, o Prometido Justo,
andemos sem demora porque o dia vem.
E ao chegarem contritos com a fé que tudo vence,
em frente à manjedoura exclamaram: Amém!
Damos graças, Senhor, porque vimos cumprido,
e o nosso coração palpita agradecido.

Nasceu o nosso Cristo em meio a simples palhas
enquanto o filho rico se envolve em seda e malhas,
mas Ele sendo o Rei, o filho do Senhor,
na humildade nasceu e nos legou o amor.
Saudaram-lhe, a flor, o céu, a estrela Dalva
e nossa alma também ao ver-se livre e salva.
E Jesus a sorrir em meio a tanto amor,

nos braços de Maria risonha qual uma flor,
que exaltava o seu Deus na prece a agradecer
aquele privilégio de Jesus conceber.

E os anjos a cantar, cantava todo o mundo
um hino de alegria, divinal, profundo,
pois nascera Jesus, o Salvador fiel,
que viera libertar o povo de Israel.
E prostrados assim em mística oração
se renderam a Deus no altar da gratidão.

Do livro Primícias do Meu Jardim (2000)

Em Belém

Eliúde Marques

Era florida a estrada
e o mundo se apercebeu
que cantava a passarada
a dizer: Jesus nasceu!

Manhã fria, desolada,
quando a estrela apareceu
radiante, iluminada
a luzir: Jesus nasceu!

Noite suave, adornada
e o pastor adormeceu
na campina alcatifada
a sonhar: Jesus nasceu!

E bela música orquestrada
anjos entoaram do céu,
eram vozes adornadas
a cantar: Jesus nasceu!

Os magos na caminhada,
(pra cumprir-se a voz de Deus)
pela estrela alcandorada
souberam: Jesus nasceu!

Maria alegre e exaltada,
todo o carinho lhe deu.
Com o filho, abençoada,
cantava: Jesus nasceu!

Tudo era amor e poesia
na noite santa de luz;

tudo mostrava alegria
pois, nasceu nosso Jesus!

Do livro Primícias do Meu Jardim (2000)

Gilberto Celeti (1949 -)

Natal – Como Chegar?

Gilberto Celeti

Revelado amplamente
O nascimento do menino:
Por anjos cantando o hino
Com mensagem surpreendente;
Pela estrela reluzente
Que os sábios do Oriente,
Conduz com reais presentes:
Ouro e incenso e mirra.

Os escribas tão descrentes
Reconhecem a profecia,
Mas ela não é o seu guia.
Eles são indiferentes,
Sofrem forte letargia.
E de Herodes e sua gente
Grande ira se acirra.

Veja o quadro tão completo:
Anjos, magos e pastores,
Homens nobres e doutores,
Uns adoram humildemente
Outros violentamente
Querem destruir a vida
E de maneira atrevida
Mostram toda a sua birra.

Esta cena é repetida
Cada ano no Natal
Há quem o ache tão banal
Que a data quer destruída

E a deturpa totalmente
A Jesus é indiferente
Dele não faz caso não.

Outro há que reverente
Aproxima-se encantado
Vendo o Verbo encarnado
E lhe dá alegremente,
Arrependido, respeitoso,
O presente mais valioso,
Todo o seu coração.

Filemon Francisco Martins (1950 -)

Nos Arredores de Belém

Filemon Francisco Martins

Na estrada poeirenta o casal prosseguia
em busca de lugar nos lares de Belém,
- não havia lugar para ficar Maria,
e as casas se fechavam... Era ali, porém,

que, aflita, a virgem mãe seu filho ganharia,
cumprindo-se, de fato, o vaticínio além.
E ali, naquela tosca e santa estrebaria
nasceu o prometido, o símbolo do Bem.

O céu da Palestina encheu-se de esperança,
nasceu o Redentor, a Boa Nova avança
daquela manjedoura para o mundo inteiro.

Hoje, chega o Natal... Sinto uma paz serena
e a minha alma, a sorrir, se sente tão pequena
porque o olhar de Jesus mudou o meu roteiro!

Israel Belo de Azevedo (1952 -)

Confissão de Natal

Israel Belo de Azevedo

Amo o Deus que em Jesus se prostra,
inclinando-se para escutar quem não crê,
para encontrar aquele que ainda não tem fé,
por amar completamente -- eis a sua proposta.

Amo o Deus que em Jesus se mostra
como aquilo que amorosamente, plenamente é:
até para quem não queira se deixar por Ele escolher,
para o vazio do seu coração, Ele é a única e completa resposta

Amo o Deus de braços pregados na cruz
e cujas solenes palavras finais são longos gemidos
de gracioso perdão para os que do seu sangue fizeram pus.

Amo o Deus de corpo cortado ao ritmo dos cravos batidos
e cujo silêncio no túmulo não teve companheiros conhecidos
até que a história, no terceiro dia, conhecesse a plenitude da sua luz.

Uma história de Natal, uma criança (inclusive aquela que mora em você)

Israel Belo de Azevedo

Príncipe tem cara de príncipe.
Rei tem aquele jeito de rei.
Não o meu, da história que contarei.

Príncipe nasce em palácio.
Tem um lindo berço de ouro o rei.
Não o meu, na história que contarei.

Se eu nascesse onde Ele nasceu
a ninguém eu contaria.
E você também não diria
se nascesse onde Ele seu primeiro choro deu.

Nosso príncipe, depois, quando saiu de casa,
para fazer o que tinha que fazer,
não tinha cama, mas seu pai era carpinteiro
e quantas camas quisesse podia fazer
e quando tinha cama, não tinha travesseiro.
-- Ai que saudade da mamãe -- devia Ele dizer,
pois ela tudo cuidava com todo esmero.

Mas quero falar mesmo do príncipe pequeno
não do príncipe já crescido, mas do infante.
Preciso começar com a história de sua mãe
que começa com a história de um anjo falante.

Ela estava em casa. Todos tinham saído.
Ela estava no seu quarto. Ai que silêncio.
Então, o anjo de boas notícias se aproximou.
Eu disse o nome dele? Então, vá: Gabriel.
Maria pensou que fosse um castigo do céu,
mas do céu sempre vem notícias para o nosso bem.
E desta vez não foi diferente, e o anjo falou

que, para a alegria de todos, ela teria um neném,
porque para Deus não existe a palavra "impossível".
Falou e se foi, deixando a moça cantando
feliz por aquilo que do anjo escutou.

E grávida ela ficou. Perto de neném nascer,
a barriga pesando, uma viagem tiveram que fazer
a mãe montada num jumentinho, saindo de Nazaré,
para ordens do governo obedecer.

José foi junto. Não fugiu à responsabilidade
chegaram os dois, quer dizer os três,
a Belém -- este é o nome da cidade --
só para entregar seus documentos de identidade.

A cidade estava cheia, com tanto turista
por causa da ordem que o governo tinha dado.
José bateu em muitas portas,
umas com placas certas e outras com placas tortas,
em busca de um lugar para se hospedar.
E diante de cada um tinha sempre que escutar:
-- Desculpe, amigo, nosso hotel está lotado.

Foi quando viram uma placa de hotel simplezinho
e entraram, como se fossem descansar.
Simpático, o moço daquela estrebaria
disse que vaga pros dois também não havia.

Apareceu uma mulher, vendo a difícil situação
e chamou os dois para os fundos da pensão,
onde os animais ficavam perto de uma manjedoura
que podia servir de berço se não importassem com a condição,
quando do nascimento do filho mais velho chegasse a hora.

Eles cumpriram com o seu dever,
mas Maria estava pesada para voltar a Nazaré.
Podia ser perigoso para o bebê.

Resolveram esperar em Belém.
Maria começou a sentir as dores que as mulheres têm.
Ela gemeu:
-- Aí, José, a hora está para chegar.
Não seria melhor um hospital procurar?
Mas naquele cidade não havia hospital.

E rápido atravessaram o esperado portal
da única estrebaria em que puderam se hospedar.

José reclamou, enquanto Maria gemia:
-- Meu filho não pode mais aguardar.
Ele vai nascer aqui mesmo nesta portaria
e uma cama pra ele temos que arranjar.

E rápido arrumou as roupas no chão
porque não havia mesmo outra solução.

E a dor aumentava, aumentava, aumentava.
Maria pensou nas palavras de Gabriel:
onde estava o anjo que não a ajudava?

Fizeram o melhor que puderam e Maria descansou,
mas foi por alguns minutos, pois a dor aumentou.
Maria em silêncio. Ela chorou de medo e dor.
Mas de novo se lembrou do que anjo lhe falou.
José segurou as sua mãos. A mulher ajudou.
Era noite e o silêncio quase nada durou.
De repente, um choro alto se escutou.
-- É um menino -- José mais alto gritou.
Então, agora de alegria, Maria novamente chorou.
E das palavras do anjo Maria outra vez recordou.

E assim, olhando para o menino no colo, adormeceu.
Depois da agitação, a calma se restabeleceu.
E o silêncio voltou.
Os animais se calaram.
O porteiro cochilava.
José, porém, a tudo vigiava.

De repente, lá fora a correria.
Acabou a calma na estrebaria.
Parece que a noite virou dia.
José acordou Maria.
-- Estou ouvindo uma gritaria.
Parecem pastores, mas o que aqui fariam?

Entrou o homem da portaria,
pedindo se podiam chegar os visitantes.
-- Quem são? -- perguntou José, hesitante.
-- São os guardas dos animais do campo.
Querem ver o menino que nasceu há instantes.

Maria se lembrou do anjo Gabriel:
-- Deixem que entrem para ver o menino.

Entraram com as roupas cobertas de neblina.
Ficaram encantados. Tudo conferia com a voz do céu.

Voz do céu. Que voz do céu? Não custa perguntar.
José perguntou:
-- Como souberam que meu filho nasceu?

Um deles logo respondeu, porque era o mais agitado:
-- Ouvimos uma voz do céu, que dizia:
"Hoje em Belém finalmente nasceu o Messias.
Ele está numa manjedoura agora deitado".
Depois um coro de anjos deixou uma canção:
"Nas alturas deem a Deus toda a glória,
e na terra anunciem de todo o coração
a paz que Ele quer que alcance a história".

Depois da visita, todos saíram. Eles gritavam.
As palavras do anjo ainda ecoavam
porque todas se confirmavam.
É por isto que "glórias a Deus" davam
e pelas ruas a sua alegria cantavam.

Enquanto José em tudo prestava atenção,
Maria tudo guardava no coração.

E os pastores não foram únicos a receber a notícia
de que em Belém um príncipe nascido havia.
José não soube então; Maria não soube então,
mas muito, muito, muito longe daquela estrebaria,
uns cientistas foram informados por divina instrução
que em Belém um grande príncipe nasceria.
E começaram uma viagem que muito tempo levaria.

Em Belém, uma semana se passou e tudo corria bem.
Logo um mês se passou e tudo corria muito bem.
Era chegada a hora de irem a Jerusalém,
para apresentarem na igreja o neném.

E lá estava um velhinho chamado Simeão.
Quando viu o menino, deu um grito de satisfação:
-- Oh! bondoso Deus, meus olhos viram a salvação
que enviaste depois de tanta preparação.

Na frente de todos, levantou a mão
e ofereceu o menino a sua bênção.
E lá estava também Ana, uma mulher de oração,
que também apresentou a sua gratidão
porque também tinha tido a mesma emoção.

Depois do culto, a família voltou para casa.
Ia começar uma outra dura viagem.
Aqueles cientistas lá de longe -- lembra-se? --
depois de muita pesquisa, chegaram a Belém,
com muitos presentes na bagagem.
Passaram por deserto e oceano,
sem aviões e sem navios
por montanhas e rios,
sem ônibus e sem trem.
Tinham apenas um plano:

Visitar um rei e lhe fazer uma homenagem.
Enquanto isto, apavorado, em Jerusalém,
o rei do país esperava que eles o caminho
lhe ensinasse para que pudesse pegar o neném.
Mas eles foram por outra direção para o oriente.
O rei era mesmo muito feroz.
Por isto, depois de ouvirem de Deus a voz,
fugiram, de noite, no maior segredo,
em meio a muitas lágrimas de medo,
para um lugar seguro, mas bem distante
onde não lhes podia alcançar o valente.

E ali ficaram até o dia de voltar para Nazaré,
onde ficava a casa e a carpintaria de José.
E ali o menino crescia e se fortalecia,
enchendo-se de sabedoria
porque a graça de Deus nele residia.
E tudo no seu coração guardava Maria.

Como todo menino, este menino cresceu
e um homem adulto se tornou.
Seu tempo de partir nasceu
para fazer aquilo para o qual se preparou.

E eu vou lhe contar
o que este Amigo sempre Maravilhoso,
este Deus muito Poderoso,
este Pai eternamente Amoroso
e este Príncipe Valoroso,
-- este é o nome completo de Jesus --
fez, pelo mundo afora,
para a nossa história se encerrar...
Mas, calma! Espere. Não será agora
que a melhor aventura vai começar.

Terá valido a pena este Natal

Israel Belo de Azevedo

Se houver no plano internacional
um tempo em que as armas repousem
inúteis.
Se também no plano pessoal
meu coração tiver descansado
de tantas batalhas: as necessárias
e as fúteis.

Se diante do presépio tão surreal
que mistura gente com animal
todo falante
eu tiver uma atitude de humildade tal
como se nada, nada mesmo, dependesse
dos joelhos que se vergam
por um instante.

Se minha alma se elevar ao sideral
para um canto que me soe como divinal
louvor.
Se meus olhos virem como igual
aquele que na esquina e no chão gelado
de mim não espera palavras
mas amor.

Se meus múltiplos desejos de "feliz natal"
forem inspirados de modo real
por Jesus Cristo
e eu receba cada gesto facial
e ofereça todo sorriso trocado
mesmo expressos na superfície
como um compromisso

Se o Salvador por um momento
se parecer como o que é:

meu Senhor companheiro amigo.
Se todo o verbo que eu disser
for uma afirmação de fé
que por um dia habite comigo

terá valido a pena mais este Natal

Gosto de Natal

Israel Belo de Azevedo

Gosto das canções dos anjos alados
das luzes bem acesas
dos presentes trocados
dos pratos sobre as mesas
porque é natal de Jesus.

Gosto dos abraços entrelaçados
dos gestos de ternura
dos olhares amados
da doação com fartura
porque é natal de Jesus.

Gosto dos programas bem preparados
das músicas cantadas
dos louvores sagrados
das amizades seladas
porque é natal de Jesus.

Então, por mim mesmo uma oração eu faço:
todo dia, o ano todo, seja sempre feliz natal,
porque Jesus é o mesmo no tempo e no espaço,
seus braços estão prontos para o encontro pessoal.

e é a mesma por aí
a carência de afeto, pão e luz,
que, com o amor de Jesus,
eu posso ajudar a suprir.

Geremias do Couto (1954 -)

Do Tempo e da Luz

Geremias do Couto

Deus esculpe o tempo,
Esculpe também a profecia,
E tece o hiato de Nazaré a Belém.
A forma é o censo, a mão é de César,
Mas do Eterno é a destra.

Tropéis avançam sobre aridez,
A Luz dormita no ventre
Da bem-aventurada mulher
Que sacoleja no dorso,
Enquanto a poeira lhe cobre o rosto
E as pedras reverenciam o Rei.

Hospedagens não a acolhem
Da noite que esparge trevas,
Da angústia que golpeia os minutos.
Mas quem esculpe o tempo,
Providencia-lhe a estrebaria,
E a Luz emerge na manjedoura

Edgar Silva Santos (1954 -)

Noite de Natal!

Edgar Silva Santos

Nesta noite de natal
quero trazer à lembrança
aquela noite especial
em que a terra se encheu
de rútilos fragores...
Quero mostrar-te um cenário
que foi maior do que
qualquer homem
jamais pôde construir,
no perpassar dos anos,
no escoar da vida.

Fecha os olhos de tua alma
para recuar no tempo
e sentir a calma
e afagar docemente
a tez iluminada do infante Jesus...

Que não te incomode o brilho
de tanta luz...
É que Deus desceu para tornar
aquela noite clara,
como também a noite
que mergulhou os homens
nas trevas dos séculos.
Não hesites em auscultar
toda a grandeza dessa hora.
Vem sem demora...

Entoa com os anjos
aquelas canções gloriosas
e abre a vista de teu coração
ao espetáculo faustoso
que envolveu toda a terra...

Não te esqueças
que naquela noite terra e céu
se fizeram o trono
do Rei-Salvador,
nascido na humilde manjedoura de Belém.
E foi para o teu próprio bem
para o bem de todos nós,
Foi para que jamais fôssemos os mesmos
e não perecêssemos jamais,
Pois refulgiu para sempre
aquela NOITE DE PAZ!....

Do livro Entre a Terra e o Céu (2011)

Brissos Lino (1954 -)

Neste Natal não tenho sapato

Brissos Lino

neste Natal não tenho sapato
nem meia de lã
penduro apenas
um pé descalço
na minha oração
e um olhar líquido
no rumor dos anjos

Os Pastores

Brissos Lino

Os pastores voltam aos rebanhos
da noite
levam uma canção
no ouvido
e uma estrela dentro.

O Regresso dos Magos

Brissos Lino

No Oriente depositaram
com mãos gentis
a luz guardada
nos olhos
no regresso de Belém efrata
como se já nenhuma noite
os intimidasse
e mais nenhum mistério houvesse
no céu.

Natanael Santos (1957 -)

Natal

Natanael Santos

Envolto em Glória
Sob a aureola da eternidade
Embalado pelas asas
Da sabedoria,
Antes que houvesse mundo,
O Verbo pré - existia.

O tempo traga as eras...

O Supremo Criador
Anuncia a chegada
Da semente da mulher.

Os céus são invadidos
De solene expectativa!

Na Terra,
Profetas se inspiram
E, ao longo dos séculos
Vaticinam a chegada
Do "Desejado das Nações".

Chega a plenitude dos tempos...

Anjos cantam
Saudando a chegada
Do pequeno infante
Na manjedoura
De Belém.

Poderosos depõe suas armas
Ante o Deus – menino
Magos vindos do Oriente
Se prostram em adoração.

Diluem-se as trevas,
Fogem as sombras da morte
Raia a luz!

Nasce Onipotente
Num mundo inconsciente
Nasce à sombra da cruz
Nasce humilde de uma virgem
Nasce o menino Jesus.

Josué Ebenézer (1963 -)

O Natal da Menina Pobre

Josué Ebenézer

Ela não tinha sorriso, seu jeito era sem graça.
O vestido roto e velho não emprestava beleza.
Mas estava todo dia, perambulando na praça
Tentando driblar o destino, afastar toda a tristeza.

A família era simples, morava em simples casebre.
O seu pai desempregado, inconformado em ser pobre.
E pra somar a desgraça, sua mãe ardia em febre
Enquanto ela na praça se esforçava em ser nobre.

Mas era difícil a sina, dessa tão simples menina:
Vencer todo o preconceito e amealhar uns trocados;
Extrair da vida canções em alma que desafina.

Mas o Natal da menina, não teria bons-bocados,
Enfeites, bolas, presentes, nem sequer pequena luz.
Não fosse o grande achado: Ter encontrado JESUS!

É Natal!

Josué Ebenézer

Vi a cidade mais colorida
E o sonho invadir o real.
Vi a cidade iluminada
Pensei comigo: "É Natal!"

Vi sorrisos enfeitar pessoas
E presentes de mão em mão.
Gentes se tornando boas
Porque é Natal no coração.

"É Natal" eu bem sei disso
Não pelos enfeites que vi;
Sabe quem tem bom siso.

No sorriso da criança entrevi
A paz do menino de Belém
E os anjos dizendo "amém!"

Trovas

Josué Ebenézer

Trova de Natal III

Há uma estrela que brilha
Sempre brilha de esperança
Para quem segue na trilha
De Jesus com confiança.

Trova de Natal V

Naquela árvore bela
O menino a refletir
Viu seu rosto na bola
E a lágrima a luzir!

Trova de Natal VI

Sapatinho na janela
A espera de Noel.
Não é este pai que vela
É o nosso Pai do Céu!

Rui Miguel Duarte (1968 -)

Manjedoura

Rui Miguel Duarte

"Nasceu-lhe então o menino, que era o seu primeiro filho. Envolveu-o em panos e deitou-o numa manjedoura, porque não conseguirem arranjar lugar na casa." *(Lucas 2.10 versão A Bíblia para todos, p. 2047)*

Não havia uma bacia de água
onde a jovem parturiente
amaciasse os pés
crespos da caminhada

Não havia leito
onde alongasse as pernas
das horas moldadas
ao dorso do jumento

Não havia travesseiro
em que desatasse a dor
jugulada do parto

Não havia linho fino
para cingir os membros tenros
do primeiro filho
Não havia o anteparo
de um berço de ouro

Apenas havia umas faixas
uma tiras de pano de saco rasgadas

apenas sobrava uma manjedoura
para hospedar a noite de feno
do pequeno corpo amarantino

Num estábulo
na ponta mais longe da estrada
aí onde os animais
consolam as bocas
foi disposto o pão vivo do céu

Do livro Muta Vox (2011)

Vieste na Fragilidade

Rui Miguel Duarte

Vieste na fragilidade
Palavra eterna, forte, graça e verdade
Feita carne.

Na fragilidade
De que somos carne e sangue
Articulação, osso e medula.

Sem majestade, sem coroa nem manto,
Sem luzes que ladeiem nem cortejos que acompanhem a tua passagem,
Sem a glória do Único Filho que exibisses de ti mesmo.

Uns te anunciaram e te esperavam
Oravam e jejuavam até que viesses,
No templo, no lugar da profecia,
Outros nos cálculos astronómicos, atentos ao rasto dos astros,
E na maturidade das eras denunciando os sinais,
Com anseio de ao estábulo correr e poder te ver
No estábulo do arrabalde, onde outros te não esperavam.

E por dentro da nossa fragilidade te intrometeste,
Açoitado pela dor, por todas as paixões tentado.
Comeste da nossa fome, bebeste da nossa sede,
Conheceste a ardência do prumo do sol e a geada nocturna no deserto,
O rosto sulcado pela tristeza da partida dos que amaste,
Até a lâmina dos amigos que traem, os íntimos,
E a tortura e a enfermidade.

Mas em tudo permaneceste tu mesmo,

Sem nunca te tornares fragilidade,
A não ser essa nossa fragilidade,
Tanto na hora primeira, quando necessitado de agasalho e do peito da mãe,
Como na derradeira, meu Deus, meu Deus, abandonada da misericórdia do Pai.

Aí a nossa fragilidade toda se consumiu e se consumou.
Entendemos então a verdade e a graça
Feitas carne e sangue,
Feitas cada um de nós.
Hoje, dia de Natal, comemoramos o primeiro dia
De eternidade e força,
Em que
Fizeste de nós o que tu és.

Do livro Muta Vox (2011)

George Gonsalves (1971 -)

Noite de Natal, Noite Sem Igual

George Gonsalves

Houve uma noite de encanto

não era muito frio, nem muito quente
mas tudo foi tão diferente

O inefável aconteceu
o mistério não mais se escondeu
o menino se nos deu

Anjos cantando para pastores
homens prostrados ante um menino
o Rei em uma manjedoura

Céu e terra, Deus e os homens
o eterno e o agora
juntos, nesta hora

Poetas narram o indizível
artistas esculpem o indescritível
mas, não há poesia ou música
escultura ou pintura
que descreva a excelsa graça
dessa noite tão bela

Jesus nasceu
e com ele, a esperança
alegremo-nos e o reverenciemos

Nunca houve uma noite como aquela

Antonio Costta (1972 -)

Feliz Natal

Antonio Costta

Feliz natal! –nos diz a humanidade
Lembrando de Jesus Seu nascimento,
Expressando os mais belos sentimentos
De união, paz, amor, felicidade!...

Mas será que o natal é apenas isto
Ou será muito mais do que pensamos?...
Abraçar somente quem nós amamos
Ou será amar como amou Jesus Cristo?

O natal significa o nascimento
De um novo pacto, de um novo tempo,
Entre Deus e todo homem pecador...

O natal significa a esperança
De reatarmos com Deus a aliança
Através de Jesus, o Salvador!

Do livro Poesia Cristã (2011)

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Appleby, Rosalee M. (org.). *Florilégio Cristão*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982

Barros, José Britto. *Memórias do Nazareno*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1966

Braga, Jonathas. *O Caminho da Cruz* (2° Ed.). Rio de Janeiro: Juerp, 1962

Braga, Jonathas. *A Maravilhosa Luz*. Rio de Janeiro: CPAD, 1985

Braz, Rosa Jurandir. *Frutos Para o Meu Amado*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999

Costta, Antonio. *Poesia Cristã*. Edição eletrônica, 2012 – Disponível para download aqui: http://www.4shared.com/document/axcjByn-/POESIA_CRIST_Antonio_Costta.html

Duarte, José Bezerra. *Inspirações do Ocaso*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1969

Duarte, Rui Miguel. *Muta Vox*. Óbidos (Portugal): Sinapsis Editores, 2011

Filho, Benjamin Moraes. *Meu Natal – Coletânea de Poesias, Contos e Teatro sobre o Natal de Jesus*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade, 1937

França, Mário Barreto. *O Louvor dos Humildes*. Rio de Janeiro, 1953.

França, Mário Barreto. *Primícias da Minha Seara* (3° Ed.). Rio de Janeiro: JUERP, 1984

Júnior, Gióia. *Jesus, Alegria dos Homens*. Venda Nova: Editora Betânia, 1976

Júnior, Gióia. *25 Anos de Gióia Júnior*. Venda Nova: Editora Betânia, 1976

Júnior, Gióia. *Orações do Cotidiano*. São Paulo: Mundo Cristão, 1995

Lira, Jorge Buarque. *Quando a Musa Canta!...* . São Paulo: Casa Lyra Editora, 1947

Marques, Eliúde. *Luzes do Arrebol – Poemas Que a Fé inspirou*. São Paulo: Edição da autora, 1998

Marques, Eliúde. *Primícias do Meu Jardim* (3° edição). São Paulo: Edição da autora, 2000

Mignac, Alfredo. *Horas Vibrantes*. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1939

Netto, Silvino. *Presente*. Rio de Janeiro: JUERP, 1980

Oliveira, Joanyr de (org.). *Antologia da Nova Poesia Evangélica*. Rio de Janeiro: CPAD, 1978

Oliveira, Joanyr de. *Canção ao Filho do Homem*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998

Oliveira, Joanyr de. *Tempo de Ceifar*. Brasília: Thesaurus Editora, 2002

Rocha, Isnard. *Bíblia em Versos – Os Evangelhos de Mateus e Marcos*. Atibaia: Ébano Editora, 1995

Rocha, Thiago. *Águas de Descanso*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1969

Santos, Edgar Silva. *Entre a Terra e o Céu*. Manaus: Edição do autor, 2011

Autores diversos. *O Natal de Cristo (Coletânea).* Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1950

Autores diversos. *O Jornal Batista* (edições digitalizadas). Convenção Batista Brasileira. http://www.batistas.com

Organizador

Sammis Reachers (Niterói-RJ, 1978) é poeta, antologista e blogueiro. Autor de A Blindagem Azul; Uma Abertura na Noite; CONTÉM: ARMAS PESADAS e Poemas da Guerra de Inverno (poesia); organizador de 3 Irmãos Antologia (textos de Gióia Júnior, Joanyr de Oliveira e J.T.Parreira); Antologia de Poesia Cristã em Língua Portuguesa; Breve Antologia da Poesia Cristã Universal; A Poesia do Natal - Antologia; Águas Vivas 1 e 2 (antologias reunindo textos de poetas evangélicos contemporâneos); Antologia de Poesia Missionária e Sabedoria: Breve Manual do Usuário (antologia de frases). **Todas estas obras podem ser baixadas gratuitamente (*clique sobre os títulos**).**

Mantém mais de 10 blogs, incluindo os literários Poesia Evangélica (desde 2006), O Poema Sem Fim (pessoal), Liricoletivo e Mar Ocidental (estes colaborativos).

* * *

*Além dos livros citados acima, você poderá conhecer e baixar gratuitamente muitos outros livros de poesia, na Biblioteca Poesia Evangélica.

* * *

Caso você tenha interesse em conhecer mais sobre o maravilhoso plano de Deus para a salvação de toda a humanidade, leia este texto aqui.